

FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

JAILZA SILVA SANTOS MAGALHÃES



PPGCR  
Faculdade Unida de Vitória  
A MORTE ENTRE OS IDOSOS EM COMUNIDADES PRESBITERIANAS DO  
NORDESTE BRASILEIRO

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória – 28/06/2016.

Vitória  
2016

JAILZA SILVA SANTOS MAGALHÃES

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória – 28/06/2016.

A MORTE ENTRE OS IDOSOS EM COMUNIDADES PRESBITERIANAS DO  
NORDESTE BRASILEIRO

PPGCR  
Faculdade Unida de Vitória

Trabalho Final de Mestrado  
Profissional para obtenção do grau de  
Mestre em Ciências das Religiões.  
Faculdade Unida de Vitória. Programa  
de Pós-Graduação. Linha de  
Pesquisa: Análise do Discurso  
Religioso.

Orientador: Prof. Dr. Abdruschin Schaeffer Rocha

Vitória  
2016

Magalhães, Jailza Silva Santos

A morte entre os idosos em comunidades presbiterianas do Nordeste brasileiro /Jailza Silva Santos Magalhães. – Vitória: UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2016.

vii, 79 f. ; il. 31 cm.

Orientador: Abdruschin Schaeffer Rocha

Dissertação (mestrado) – UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2016.

Referências bibliográficas: f. 75-79

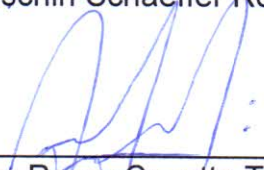
1. Ciências das religiões. 2. Análise do discurso religioso. 3. Protestantismo histórico. 4. Morte. 5. Pedagogia da morte. 6. Idosos. 7. Kübler-Ross. - Tese. I. Jailza Silva Santos Magalhães. II. Faculdade Unida de Vitória, 2016. III. Título.

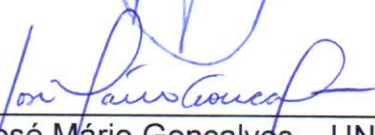
JAILZA SILVA SANTOS MAGALHÃES

A MORTE ENTRE IDOSOS EM COMUNIDADES PRESBITERIANAS DO  
NORDESTE BRASILEIRO

Dissertação para obtenção do grau de  
Mestre em Ciências das Religiões no  
Programa de Mestrado Profissional em  
Ciências das Religiões da Faculdade Unida  
de Vitória.

  
Doutor Abdruschin Schaeffer Rocha – UNIDA (presidente)

  
Doutor Kenner Roger Cazotto Terra – UNIDA

  
Drnd. José Mário Gonçalves – UNIDA



## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por dar-me vida para poder refletir um pouco mais sobre a mesma, através do tema morte de idosos. Também meus sinceros agradecimentos às pessoas que de forma direta e ou indireta contribuíram para que essa reflexão pudesse ser expressa através destas páginas. Ao meu orientador Prof. Dr. Abdruschin Schaeffer Rocha; aos funcionários da Faculdade Unida, representados nas pessoas de Luana Cordeiro Ribeiro e Eliseu Assis da Silva; aos meus amigos e irmãos em especial: Profa. Eliana Duarte, pela correção dos originais, Léa Cunha, Léa Lopes, minhas grandes amigas, e a saudosa amiga querida Irene Rosendo, pelas suas palavras de incentivo, encorajamento e, embora não mais se encontrando em nosso meio, não deixou de existir em nossa mente e coração, inclusive como participante da pesquisa. Aos meus Pais e familiares pelo apoio e incentivo; aos meus filhos Luciano, Suenize, Daniela e Lídia; e, de forma muitíssimo especial, ao meu marido José Rômulo de Magalhães Filho pelo incentivo, apoio, pela compreensão, pelo cuidado, carinho dispensados durante todo o tempo de pesquisa e estudos, pois sem ele, com certeza, seria muito mais difícil completar essa etapa importante de nossas vidas. Muito obrigada, Amor! Muito obrigada a todas e todos!



## RESUMO

A morte é uma realidade a ser enfrentada por todo o ser humano. Muitas são as formas que o ser humano encontrou de explicar, enfrentar e até mesmo minimizar esta realidade. A religião é uma destas formas e o cristianismo não foge à regra. Tendo como objeto de estudo a concepção de morte a partir de idosos evangélicos, a questão que direcionou esta pesquisa foi: qual a expectativa de idosos membros de uma igreja protestante histórica na relação morte x esperança pós-morte, presente no discurso religioso de sua comunidade de fé? Outras questões como: qual a relação entre morte e religião? E também qual o lugar e importância da morte (morte como fato social)? Há uma preparação para a morte? Essas questões apareceram com o intuito de discutir qual a expectativa de idosos desta igreja diante da realidade da morte. Este é o propósito principal desta dissertação, bem como demonstrar que a esperança na vida após a morte não é elemento suficiente para se desenvolver uma pedagogia da morte; mas também analisar o binômio morte-religião a partir da literatura e fala desses idosos. O texto é dividido em três capítulos onde, a partir do pensamento de Durkheim, se discute a morte como fato social; depois com base nos escritos de Kübler-Ross, apresenta-se os estágios da morte entre idosos; e por fim uma análise do lugar que a morte ocupa no protestantismo histórico. Após este aporte teórico, a análise de caráter qualitativo, orientada no sentido de se entender o comportamento do idoso diante da morte, permite que, através da fala de 14 entrevistados (idosos), se busque a compreensão e apreensão do objeto proposto. É a partir das falas dos idosos que se buscou o significado da morte e do morrer para eles. Percebeu-se que, com todo um ensinamento voltado para a questão do fim da existência humana na terra, o protestantismo prepara seu membro para a morte, mas ainda necessita melhor preparar para o morrer.

**Palavras-Chave:** Protestantismo Histórico; Morte; pedagogia da morte; idosos; Kübler-Ross.

## ABSTRACT

Death is a reality to be faced by every human being. There are many ways that humans find to explain, face and even to understate such reality. Religion is one of these ways, and Christianity is no exception. Having as an object of study the concept of death from the point of view of evangelical churches' elderly, the question that addressed this research was: what is the expectation of elderly members of a historic Protestant church in the relation of death vs postmortem hope present in the religious speech of their community of faith? Other issues such as: what is the relationship between death and religion? And what is the place and importance of death (death as a social fact)? Is there a preparation for death? These issues appeared in order to discuss what the expectation of the elderly of this church on the reality of death is. This is the main purpose of this dissertation; as well as to demonstrate that hope in life after death is not a sufficient basis to develop a pedagogy of death; but also to analyze the death-religion binomial from the literature and speaks of the elderly. The text is divided into three chapters where, from the thought of Durkheim, it discusses death as a social fact; then, from Kübler-Ross's work, the stages of death among the elderly are shown; and, at last, an analysis about the role that death plays on historical protestantism. After this theoretical framework, the qualitative character analysis, geared towards understanding the elderly behavior before death, allows, through the speech of 14 respondents (elderly), to find understanding and apprehension of the proposed object. From the words of the elderly that was sought the meaning of death and dying for them. It was felt that with all a teaching focused on the issue of the end of human existence on earth, protestantism prepares its member to death, but still needs better prepare to die.

**Keywords:** Historical Protestantism; Death; pedagogy of death; the elderly; Kübler-Ross.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>8</b>
<b>1 MORTE E RELIGIÃO</b> .....	<b>16</b>
1.1 Religião como fato social .....	18
1.1.1 Religião e representação.....	21
1.1.2 Religião e construção do mundo .....	24
1.2 A morte no contexto do ocidente .....	27
1.3 A morte como processo de aprendizagem na religião .....	31
<b>2 A MORTE E O MORRER EM ELIZABETH KÜBLER-ROSS</b> .....	<b>34</b>
2.1 A consciência da morte.....	37
2.2 Os estágios de aceitação da morte .....	40
2.3 A esperança.....	44
<b>3 A CONSCIÊNCIA DA MORTE ENTRE IDOSOS PROTESTANTES</b> .....	<b>46</b>
3.1 O lugar da morte no protestantismo histórico brasileiro .....	47
3.1.1 A morte nas Escrituras do Cristianismo.....	48
3.1.2 A morte e morrer entre os protestantes históricos – análise do rito fúnebre ...	51
3.2 O Reino de Deus está próximo, mas pode esperar um pouco .....	58
3.2.1 O envelhecimento da população .....	59
3.2.2 A morte como o início de uma nova vida: o discurso na prática.....	60
3.3 A expectativa da morte .....	66
<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>71</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>75</b>
<b>APENDICE A</b> .....	<b>80</b>

## INTRODUÇÃO

A morte sempre foi um elemento de expectativa por parte do ser humano. Esta expectativa tem levado algumas pessoas pensarem o lugar da morte na existência humana. Neste contexto, a religião aparece como meio para explicar esta experiência inerente aos seres vivos. Alves afirma que

A religião tem a missão de clarear o obscuro, de responder algumas das questões que o homem sempre fez durante a sua existência, como, por exemplo: “o que é a morte?”, “o que existe depois dela?”. Tais questões o impulsionam em direção ao transcendente, tendo como intuito achar uma resposta que, de modo surpreendente, surgiu do seguinte raciocínio: se queres conhecer a morte entenda a vida, pois é na vida que te preparas para a morte. Daí nasce a religião, como instrumento a ser utilizado pelo homem para a compreensão da vida, como preparação para um processo que comumente chamamos de *morte*<sup>1</sup>.

No cristianismo não foi diferente. Referindo-se à representação da morte entre os cristãos primitivos, Ariès afirma que “o morto era representado de braços estendidos em atitude de oração”<sup>2</sup> e, ainda citando um bispo medieval, afirma que o morto “deve estar deitado de costas a fim de que seu rosto olhe sempre para o Céu”<sup>3</sup>. Isto mostra que desde os primórdios do cristianismo a morte está envolvida em ritos específicos. Na Idade Média a cerimônia, além de ser uma cerimônia pública, a participação de parentes e amigos era parte fundamental do rito<sup>4</sup>.

Pensar a morte tem sido durante muito tempo, na sociedade ocidental, um misto de medo e esperança. Na Baixa Idade Média, a morte era uma prática doméstica, restrita à família, percebida como a consequência natural da vida, e foi tratada como cerimônia pública durante muitos séculos.<sup>5</sup> Já na Alta Idade Média, com o grande número de mortes que assolava a Europa, consequência de doenças e das inúmeras guerras, ela é percebida como “a morte do outro; ela é uma violação à vida cotidiana, uma ruptura, um interdito; a morte é a reafirmação de que a

---

<sup>1</sup>ALVES, Luiz Alberto Sousa. *Cultura religiosa: caminhos para a construção do conhecimento*. Curitiba: IBPEX, 2009, p. 22.

<sup>2</sup>ARIÈS, Phillippe. *História da morte no ocidente*. São Paulo: Saraiva, 2012. (Coleção Saraiva de Bolso), p. 36.

<sup>3</sup>ARIÈS, 2012, p. 37.

<sup>4</sup>Cf. ARIÈS, 2012, p. 39.

<sup>5</sup>Cf. ARIÈS, 2012, p. 40.

prosperidade do coletivo está ameaçada. Na impossibilidade de impedi-la, vamos silenciá-la”<sup>6</sup>.

Essas mudanças na percepção da morte fazem dominar a incerteza em relação à vida após a morte, afinal, neste período, já sob a dominação da Igreja, cabe ao representante de Deus na terra intermediar a promoção da alma à presença de Deus. Então a tranquilidade e naturalidade antes presente, passa pelo crivo de um julgador, que avaliaria a conduta do moribundo. “Sente-se que a confiança primordial está alterada: o povo de Deus está menos seguro da misericórdia divina, e aumenta o receio de ser abandonado para sempre ao poder de Satanás”<sup>7</sup>.

Para Souto e Magalhaes Filho,

Morte, na perspectiva cristã [em especial para os protestantes] é o ‘destino universal dos homens. Todos os homens devem morrer’ [...]. Para o cristianismo, somente Deus é vivo e imortal, e a morte humana é consequência da desobediência do homem a este Deus. Então [...] a morte é uma força maligna e inimiga de Deus, que foi submetida ao poder do diabo. Isto faz da morte uma condenação, uma punição pela desobediência do homem. Nesta concepção do cristianismo, a morte veio por intermédio de Adão, e é o ‘salário do pecado’<sup>8</sup>.

A leitura cristã, ao colocar a morte como destino final da humanidade, traz em seu discurso respostas para esta condenação a que os autores acima se referem. Desta forma, o cristianismo cumpre sua função religiosa de trazer luz ao que está de alguma forma escondido. Cumpre sua função social de satisfazer os desejos humanos no que se refere à morte.

As religiões, segundo Usarski, cumprem “funções individuais e sociais”<sup>9</sup>. Isto é, elas trazem sentido à vida de indivíduos, alimentando-os de esperança para o futuro, como também legitimam e estabilizam sociedades. As religiões têm, segundo

<sup>6</sup> SOUZA, Christiane Pereira de. A morte interdita: o discurso da morte na História e no documentário. *Doc On-line*, n.07, Dezembro 2009, p. 17-28. Disponível em: <[http://www.doc.ubi.pt/07/dossier\\_christiane\\_souza.pdf](http://www.doc.ubi.pt/07/dossier_christiane_souza.pdf)>. Acesso em: 15 out. 2013, p. 18.

<sup>7</sup> ARIÈS, P. *O homem diante da morte*. Tradução de Luiza Ribeiro. Rio de Janeiro: Francisco Alves, v.1, 1989, p. 163.

<sup>8</sup> SOUTO, Enedina Maria Soares; MAGALHAES FILHO, José Rômulo. Descanso eterno, dai-nos Senhor: ritos de morte e discursos entre cristãos católicos romanos e protestantes. In: MOREIRA, Alberto da Silva; LEMOS, Carolina Teles; PASSOS, Paulo Rogério R. (Orgs.). *Religião, espetáculo e intimidade: múltiplos olhares*. Goiânia: Editora da PUC Goiás, 2014, p. 22.

<sup>9</sup> USARSKI, Frank. *Constituintes da Ciência da Religião: cinco ensaios e prol de uma disciplina autônoma*. São Paulo: Paulinas, 2006 (Coleção Repensando a Religião), p. 125.

Usarki, uma função de integrar socialmente pessoas. A morte neste contexto de religião passa a ser elemento de esperança e fator integrador de grupos<sup>10</sup>.

Giacoa Júnior descreve como a morte é percebida:

[...] a morte é vista, antes de tudo, como transpasse, travessia, ultrapassagem de fronteira, de modo que os cerimoniais fúnebres e as diferentes formas de edificações, inscrições funerárias, toda a ideologia presente nas representações pictóricas e esculturais da morte - ainda que variando de acordo com o enquadramento cultural distinto em que se inscrevem na história dos povos -, assumem a mesma função social de partes integrantes de rituais de passagem<sup>11</sup>.

A morte é um fenômeno presente na vida de mulheres e homens e, portanto, aberta a estudos e reflexões. Referindo-se à morte como objeto de estudo Vilar afirma:

A morte, enquanto acontecimento social [Séc. XIX] começou a ser estudada cientificamente no final do século passado por antropólogos britânicos cuja linha de pensamento ou escola, chamamos de 'evolucionista'. Na verdade, o tema da morte era um capítulo complementar do estudo da religião e não possuía o estatuto de que hoje desfruta<sup>12</sup>.

O fim da existência é uma realidade a ser encarada por todos os seres humanos. Pensar a morte pelo viés da religião, em especial o cristianismo de fundamento protestante é o tema principal desta pesquisa. Como a morte é um acontecimento público e que tem representações simbólicas bem delineadas, esta dissertação tem como objeto de estudo a perspectiva e a preparação para morte entre idosos, membros de uma igreja protestante histórica no Nordeste brasileiro.

Diante deste objeto de estudo e dos sujeitos que se apresentam, a grande questão a ser discutida neste trabalho é: qual a expectativa de idosos membros de uma igreja protestante histórica na relação morte x esperança pós-morte, presente no discurso religioso de sua comunidade de fé?

Esta questão leva necessariamente a outros questionamentos, tais como: qual a relação entre morte e religião? E também qual o lugar e importância da morte

<sup>10</sup> Cf. USARKI, 2006, p. 125.

<sup>11</sup> GIACOIA JÚNIOR, O. A visão da morte ao longo do tempo. *Medicina*, Ribeirão Preto, 2005; v 38, n 1, p. 13-19. Disponível em: <[http://revista.fmrp.usp.br/2005/vol38n1/1\\_a\\_visao\\_morte\\_longo\\_tempo.pdf](http://revista.fmrp.usp.br/2005/vol38n1/1_a_visao_morte_longo_tempo.pdf)>. Acesso em: 07 de out. 2013, p. 10.

<sup>12</sup> VILAR, M. *Luto e Morte: uma pequena revisão bibliográfica*. João Pessoa, 2000.

Disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/caos/numero1/01vilar.pdf>>. Acesso em: 03 abr. 2015, [s/p].



(morte como fato social) no protestantismo brasileiro? Como os idosos protestantes têm percebido a morte? Há uma preparação para a morte? Como enfrentar a morte?

Existe uma esperança de vida pós-morte entre os idosos membros de igrejas protestantes históricas, esta esperança está fundamentada nos escritos bíblicos e apontam para uma vida eterna, um lar celestial. Entretanto o modo como se preparam para esta experiência é o que se apresentará no texto desta dissertação.

Entendendo que as Ciências das Religiões “é uma disciplina empírica que investiga sistematicamente religião em todas as suas manifestações”<sup>13</sup>, a temática da morte como uma das manifestações das religiões pode ser estudada a partir de uma construção científica.

O estudo tem sua relevância científica no momento em que traz para a discussão uma realidade presente em todo o discurso religioso, bem como associado ao aumento da população idosa no Brasil.

Segundo Davim

O envelhecimento da população é um fenômeno de amplitude mundial, a OMS (Organização Mundial de Saúde) prevê que, em 2025, existirão 1,2 bilhões de pessoas com mais de 60 anos, sendo que os muitos idosos (com 80 ou mais anos) constituem o grupo etário de maior crescimento. No Brasil, estima-se que haverá cerca de 34 milhões de idosos em 2025, o que levará o Brasil à 6ª posição entre os países mais envelhecidos do mundo<sup>14</sup>.

Este aumento da população idosa tem se refletido também nas igrejas protestantes, que foram o segmento religioso que mais cresceu no Brasil, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Referindo-se à comparação entre o Censo de 2000 e de 2010, o próprio Instituto afirma: “Em 2000 eles representavam 15,4% da população. Em 2010 chegaram a 22,2%, um aumento

<sup>13</sup> USARSKI, 2006, p. 126.

<sup>14</sup> DAVIM, Rejane Marie Barbosa et.al. Estudo com idosos de instituições asilares no município de Natal/RN: características socioeconômicas e de saúde. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*, 2004, vol.12, n.3, p. 518-524, p. 519.



de cerca de 16 milhões de pessoas (de 26,2 milhões para 42,3 milhões). Em 1991, este percentual era de 9,0% e em 1980, 6,6%”<sup>15</sup>.

Zabatiero, apresentando uma tipologia histórico-social do protestantismo brasileiro, traz a seguinte conceituação:

(1) protestantismo de imigração – PI; [...] (2) protestantismos de missão; (3) pentecostalismo clássico, cujas denominações principais são a Assembleia de Deus – AD e a Congregação Cristã do Brasil – CCB; (4) pentecostalismo carismático – PC, cujas denominações principais são a Igreja do Evangelho Quadrangular – IEQ e as versões carismáticas das denominações do protestantismo de missão – PM – batista renovada, presbiteriana renovada, batista nacional, batista independente e outras; (5) pentecostalismo autônomo – PA, ou neopentecostalismo – NP [...]. Até hoje não se propôs uma tipologia das inúmeras igrejas independentes, conhecidas como comunidades, que eu chamaria de pós-denominacionais<sup>16</sup>.

Os protestantes de missão englobam presbiterianos, batistas, congregacionais e metodistas. Chamados por Mendonça de protestantes históricos ou tradicionais.

[...] protestantes seriam aquelas igrejas que se originaram da Reforma ou que, embora surgidas posteriormente, guardam os princípios gerais do movimento. Essas igrejas compõem a grande família da Reforma: luteranas, presbiterianas, metodistas, congregacionais e batistas [...]. Creio não ser, por isso, necessário criar para elas uma categoria à parte. São integrantes do protestantismo chamado tradicional ou histórico, tanto sob o ponto de vista teológico como eclesiológico<sup>17</sup>.

Mas, segundo Mariano, mesmo com o crescimento numérico de evangélicos, as igrejas por ele denominadas de protestantismo de missão, reduziu o número de adeptos:

Nada menos que sete denominações evangélicas, três pentecostais e quatro de missão, perderam fiéis entre 2000 e 2010, algo inédito na história

<sup>15</sup> INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. *Censo 2010*: número de católicos cai e aumenta o de evangélicos, espíritas e sem religião. IBGE, 2012. Disponível em: <<http://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?view=noticia&id=1&idnoticia=2170&t=censo-2010-numero-catolicos-cai-aumenta-evangelicos-espíritas-sem-religiao>>. Acesso em: 10 out. 2013.

<sup>16</sup> ZABATIERO, Júlio. Um movimento teológico e sua contribuição para a transformação social. A Fraternidade Teológica Latino-Americana - Brasil. In: SOCIEDADE DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO – SOTER (Org.). *Religião e transformação social no Brasil hoje*. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 133-158, p. 135.

<sup>17</sup> MENDONÇA, Antônio Gouvêa. O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas. *REVISTA USP*, São Paulo, n.67, p. 48-67, setembro/novembro 2005. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/viewFile/13455/15273>>. Acesso em: 20 set. 2015, p. 51.

dos evangélicos no país: [...] a Igreja Evangélica Luterana, de 1.062.144 para 999.498 (-5,9%); a Igreja Evangélica Congregacional, de 148.840 para 109.591 (-26,4%); a Igreja Evangélica Presbiteriana, de 981.055 para 921.209 (- 6,1%)<sup>18</sup>.

Esta diminuição já era esperada pois, em 2004, o mesmo autor já apontava que as igrejas protestantes (o protestantismo de missão) tinham mais adultos e idosos do que jovens: “Os pentecostais abrigam mais crianças e adolescentes do que adultos, enquanto os protestantes mais adultos e idosos do que jovens”<sup>19</sup>. Após seis anos era de se esperar esta queda na população desta parcela religiosa no Brasil. A presença da população idosa entre protestantes históricos é uma realidade que já vem sendo observada por estudiosos da religião no Brasil.

A importância da temática morte e sua relação com o aumento da expectativa de vida de homens e mulheres passa a ser de interesse da sociedade. E as Ciências das Religiões, como ciência autônoma, busca na Sociologia e em outros saberes (teologia, e filosofia, por exemplo) subsídios para a compreensão de fenômenos sociais ligados a seu objeto de estudo. No que se refere à Sociologia, Nunes afirma que “a sociologia se propõe, assim, [...] a entender as práticas sociais e considera a religião enquanto um dos componentes destas práticas”<sup>20</sup>.

A igreja e, em especial, as históricas pela necessidade de entender como tratar os idosos que se avolumam em seus templos, e diante de um discurso consolador que é pertinente ao cristianismo, aparece como universo de pesquisa, que desperta o interesse a estudar a relação entre a morte e o aumento da expectativa de vida de idosos. É instigante estudar como estes grupos religiosos tratam a realidade que coloca de um lado a presença iminente do paraíso e o do outro o prazer real da existência humana.

O interesse pela temática se deu após a leitura dos escritos de Kübler-Ross, bem como a participação em dois Congressos de Ciências da Religião, com apresentação de trabalho sobre a temática. Em 2012, no VI Congresso Internacional

---

<sup>18</sup> MARIANO, Ricardo. Mudanças no campo religioso brasileiro no censo 2010. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 14, n. 24, p. 119-137, jul./dez. 2013, p. 119-137. Disponível em: <<http://sociologia.fflch.usp.br/sites/sociologia.fflch.usp.br/files/Campo%20religioso%20no%20Censo%202010.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2015, p. 126.

<sup>19</sup> MARIANO, Ricardo. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. *Estud. av.* 2004, vol.18, n.52, p. 121-138. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v18n52/a10v1852.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2015, p. 122.

<sup>20</sup> NUNES, Mara José Rosado. A sociologia da Religião. In: USARSKI, Frank (org.). *O espectro disciplinar da ciência da religião*. São Paulo: Paulinas, 2012, p. 97-119, p. 113.

em Ciências da Religião, promovido pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás, foi apresentado o trabalho “O Canto da Esperança: Uma Análise da Hinologia Protestante nos Cultos Fúnebres”; e em 2013, na Universidade Católica de Pernambuco, durante o IV Congresso da Associação de Pós-graduação e Pesquisa em Teologia e Ciências da Religião, foi apresentado o trabalho “O Reino de Deus está próximo, mas pode esperar um pouco”. O primeiro tornou-se capítulo de livro editado pela organização do Congresso<sup>21</sup>.

Discutir qual a expectativa de idosos de uma igreja protestante histórica diante da realidade da morte e do discurso cristão é o propósito principal desta dissertação. Demonstrar que a esperança na vida após a morte não é elemento suficiente para se desenvolver uma pedagogia da morte. Mas também analisar o binômio morte-religião a partir da literatura e fala desses idosos. Avaliar se há ou não lugar para a discussão da morte no protestantismo histórico, a partir da percepção de uma pedagogia para a morte.

Os sujeitos da pesquisa são idosos entre 60 e 90 anos de idade, dentro do universo das igrejas presbiterianas independentes na Região Metropolitana de Salvador – BA e de Aracaju – SE.

Para se desenvolver este estudo, fez-se necessária uma revisão bibliográfica que passou necessariamente pela obra de Elizabeth Kübler-Ross, Philippe Ariès e Emile Durkheim, bem como de outros autores que no decorrer da pesquisa naturalmente mostraram-se fundamentais para a compreensão do estudo realizado.

Aliada ao estudo bibliográfico, uma pesquisa de campo dentro das igrejas presbiterianas independentes foi realizada, já que este é o universo da pesquisa que se desenvolveu. Na pesquisa de campo foi utilizada a *análise de conteúdo* como método para estudar como cristãos destas comunidades comunicam a sua fé e alimentam sua esperança na vida *post mortem*, através de sua literatura e das mensagens em suas celebrações semanais.

---

<sup>21</sup> MAGALHÃES FILHO, José Rômulo de; MAGALHÃES, Jailza Silva Santos. O canto da esperança: uma análise da hinologia nos cultos fúnebres. In: ECCO, Clóvis et. al. (orgs). *Transformação social, economia e literatura sagrada*. São Leopoldo: Oikos; Goiânia: Editora da PUC Goiás, 2012, p. 139-144.

Foram abordados, através de entrevista semiestruturada e aberta, 14 fiéis dessa denominação histórica, e daí buscou-se conhecer o que pensam sobre o binômio vida-morte. As entrevistas possibilitaram a expressão do que sentem e pensam sobre o morrer e como se preparam ou não para este momento real na existência de cada ser humano. Aliada à entrevista, a observação participante em alguns funerais de idosos ligada a esta denominação, foram realizadas.

Esta pesquisa tem caráter qualitativo, orientada no sentido de se entender o comportamento do idoso diante da morte. Na pesquisa realizada, a fala dos entrevistados (idosos) é fundamental para a compreensão e apreensão do objeto proposto. Foi das falas de indivíduos que se buscou o significado da morte e do morrer para estes sujeitos.

O texto foi dividido em três capítulos, além da introdução e da conclusão. No primeiro capítulo se discute a relação entre morte e religião; e para isso se faz necessário pensar a religião como fato social e perceber que a morte institucionalizada no ocidente cristão é elemento disciplinador de comportamentos. No capítulo seguinte, analisa-se a obra de Kübler-Ross, onde se demonstra que essa institucionalização da morte afastou o cristianismo, inclusive o de matriz protestante, de modo a não enfrentar a morte como uma realidade da própria existência. Na sequência do capítulo segundo, ainda numa perspectiva teórica, discute-se a morte como processo de aprendizagem na religião. No terceiro e último capítulo a voz dos entrevistados aparece como elemento principal. Reflete-se sobre a consciência da morte entre idosos protestantes a partir do lugar que a temática ocupa dentro do protestantismo, que tem um fundamento bem definido e avalia-se como esse ramo do protestantismo tem preparado seus membros para esta experiência concreta da existência humana.

Na conclusão são apresentadas as considerações finais a partir do discurso cotidiano sobre a morte nestas comunidades, que mesmo numericamente inexpressivas dentro do contexto da população protestante brasileira, detêm um capital religioso de grande influência nas demais denominações protestantes.

# 1 MORTE E RELIGIÃO

Este capítulo se propõe discutir, analisar o binômio morte-religião, tendo como base conceitos já consolidados na literatura, demonstrando que a religião é coercitiva, e neste sentido foi utilizada como elemento principal para se enfrentar a realidade da morte nas sociedades humanas.

É na sociologia de Durkheim que se buscou o conceito de religião como fato social, logo coercitivo. Durkheim<sup>22</sup> apresenta a sociologia como uma ciência autônoma e empírica, afirmando que há uma natureza moral nos fenômenos sociológicos. Muitos interesses particulares, no pensar dele, afligem as bases da moral social impossibilitando a integração do corpo social.

[...] integração seria, então adaptar-se, viver de acordo ao que já é dado pelas instituições centrais como a família, a religião (igreja), o Estado e, nele, o jurídico que é a exterioridade da moral, a divisão do trabalho e sua função de criação de solidariedade, etc. Nesta integração, que tem como suportes o consenso, a coesão e, daí, a harmonia e o equilíbrio, ergue-se uma consciência coletiva [...] que se sobrepõe às consciências individuais que as controla e as orienta<sup>23</sup>.

Pensar a morte não é algo muito agradável para o ser humano<sup>24</sup>. Ela é sempre vista com desconfiança. As pessoas de algum modo não desejam conversar sobre a morte, nem mesmo pensar como se deve enfrentá-la. Esta é a realidade que Musse encontrou nos seus pacientes<sup>25</sup>. A morte em si, pode ser considerada pelo aspecto fisiológico, ou por aspectos teológicos; pode se esperar ou mesmo necessitar de cuidados até o momento da morte ou até ser pego de surpresa. Há casos em que ela se apresenta antes mesmo de se nascer. Mas uma certeza é

<sup>22</sup> BIZELLI, Edimilson Antônio. Considerações sobre as formas elementares da vida religiosa, de Émile Durkheim: contribuições e polêmicas. *Revista Nures*, n.4, p.1-10, 2006, São Paulo. Disponível em: <[http://www.pucsp.br/nures/revista4/nures4\\_edimilson.pdf](http://www.pucsp.br/nures/revista4/nures4_edimilson.pdf)>. Acesso em 30 de set. 2015, p. 2.

<sup>23</sup> BIZELLI, 2006, p. 2.

<sup>24</sup> MUSSE, Neif Sathler; *Casco vazio de ser humano*: crônicas sobre a morte. Juiz de Fora: Edição do autor, 2015

<sup>25</sup> Esta ideia aparece no texto de Nief Musse. O autor é médico cardiologista e trata de idosos. Neste texto, sem pretensões acadêmicas ele relata casos que viveu como médico diante da morte. Daí muitas vezes no texto haver elementos aparentemente do senso comum. (MUSSE, Neif Sathler; *Casco vazio de ser humano*: crônicas sobre a morte. Juiz de Fora: Edição do autor, 2015, p. 13).

óbvia: todos um dia serão acometidos pela morte. Quando a morte ocorre de forma inesperada, geralmente causa um grande impacto no âmbito familiar<sup>26</sup>.

A religião é um dos meios que o ser humano utilizou para amenizar esta incerteza. Corroborando com esta ideia, Brêtas; Oliveira e Yamaguti, afirmam que:

A Crença enquanto elemento interveniente revela a interferência da variável crença, uma convicção íntima em que a fé religiosa influencia na capacidade de enfrentamento de situações envolvendo a morte e o morrer [...] O papel da religião é em parte o de socializar e dirigir os ritos de morte como forma de lidar com o terror. A religião parece funcionar como um ansiolítico diante da morte e do morrer. Torna a morte um fato, de certa maneira, mais aceitável, por que inteligível e, portanto, explicáveis<sup>27</sup>.

O medo é algo que está inserido na própria existência humana, desde o “homem primitivo ao civilizado”<sup>28</sup>. Chiavenatto trata e aponta a relação entre morte e religião a partir da ideia de consolo e compensação, afirma: “[...] a religião é uma compensação, fortalecida a partir de um falso conceito da morte”<sup>29</sup>. Ou seja, para o autor supracitado, a religião é alienante e é uma forma de se fugir da realidade.

A morte como elemento assustador, devido à incerteza humana, encontra no discurso religioso um aliado. A religião ameniza o medo do desconhecido, apresentando respostas para esta realidade que vem ao encontro da necessidade humana<sup>30</sup>. Mas isso não fez com que o medo deixasse de existir; as sociedades impregnadas de conceitos religiosos continuam expressando das mais variadas formas de medo nas pessoas em relação à morte.

É a partir dos conceitos de morte e religião como elementos que se complementam que este capítulo, fundamentado em uma abordagem Durkheimiana, discutirá a questão, pois se entende que ambas se apresentam como fato social, logo estão presentes em todas as sociedades, independente da vontade de indivíduos e que têm um alto grau de coercibilidade.

<sup>26</sup> MUSSE, 2015, p.13.

<sup>27</sup> BRÊTAS, José Roberto da Silva; OLIVEIRA, José Rodrigo de; YAMAGUTI, Reflexões de estudantes de enfermagem sobre morte e o morrer. *Rev. esc. enferm. USP* [online]. 2006, vol.40, n.4, p. 477-483. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0080-62342006000400005>>. Acesso em 13 de jul. 2016, p. 481.

<sup>28</sup> CHIAVENNATO, Júlio José. *A morte: uma abordagem sociocultural*. São Paulo: Moderna, 1998 (Coleção Polêmica), p. 14.

<sup>29</sup> Cf. CHIAVENNATO, 1998, p. 91.

<sup>30</sup> BRÊTAS; OLIVEIRA JÚNIOR E YAMAGUTI, 2006, p. 481.



## 1.1 Religião como fato social

Durkheim define fato social como

[...] maneiras de agir, de pensar e de sentir exteriores ao indivíduo, dotadas de um poder de coerção em virtude da qual se lhe impõe. [...] O fato social é reconhecível pelo poder de coerção externa que exerce ou é suscetível de exercer sobre os indivíduos; e a presença deste poder é reconhecível, por sua vez, seja pela existência de alguma sanção determinada, seja pela resistência que fato opõe a qualquer empreendimento individual que tenda a violentá-la<sup>31</sup>.

Assim, crenças, práticas religiosas, todo conjunto de significados que está presente na vida em sociedade, e que exerce uma pressão, uma ação coercitiva sobre as pessoas é definido por Durkheim como fato social.

Guerreiro, afirma que:

Todo esforço de Durkheim segue no sentido de enquadrar a religião no social. Assim, ele consolida a então nascente ciência sociológica. Religião, para ele, nada tem de fenomenológico. Ela é expressão do social, é um fato social. Creemos que muito mais do que consolidar a sociologia, Durkheim contribuiu de maneira edificante para a compreensão de um dos elementos mais instigadores da existência humana: a dimensão religiosa e seu componente fundante, a representação coletiva do sagrado. Se a religião é uma construção social, então deve acompanhar as características de cada sociedade em que aparece. A universalidade da religião dá-se, para Durkheim, no sentido de que as forças que ela representa estão presentes em todas as formações sociais<sup>32</sup>.

Na sociologia Durkheimiana, a religião é formadora de opiniões e é através dela que são passados conhecimentos de geração a geração e é evidente que estes conhecimentos sofrem alterações, mas sua essência continua a mesma, as representações religiosas se dão no coletivo, pois a religião é um fato social. O homem possui duas identidades; é como se dividisse em dois, um ser individual e outro social, e a religião não se desenvolve só, a sociedade, com suas diversas realidades, mesmo com a existência de sistemas de representações como “as mitologias, desde as mais rudimentares até as mais eruditas”<sup>33</sup>, possui ritos que são

<sup>31</sup> DURKHEIM, Emílio. Religião e conhecimento. In: RODRIGUES, José Albertino (org.); FERNANDES, Florestan (coord.). *Sociologia*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1990, p. 48-49.

<sup>32</sup> GUERRIEIRO, Silas. A atualidade da teoria da religião de Durkheim e sua aplicabilidade no estudo das novas espiritualidades. *Estudos de Religião*, v. 26, n. 42 Edição Especial, p. 11-26, 2012, p. 19.

<sup>33</sup> DURKHEIM, 1990, p.155.

formas de proceder, expressar, agir de determinado grupo com relação ao que é considerado sagrado.

Willaime<sup>34</sup> afirma que a religião em Durkheim é inseparável da experiência comunitária, e envolve grupos, por isso deve ser considerada no seu aspecto coletivo. Assim a religião seria um

[...] sentimento coletivo vivenciado como realidade, pois a sociedade que transmite a seus membros um sentimento de dependência e respeito; ela seria religiôgena. Ao transformar o religioso em uma dimensão intrínseca da sociedade ('o projeto de sociedade é a alma da religião'), ao ressaltar o poder de sua expressão e do fortalecimento dos laços sociais, Durkheim chama, incontestavelmente, a atenção para uma importante função do religioso; o de integração social, de pacificação da ordem social<sup>35</sup>.

Este poder de fortalecer laços sociais, esta capacidade de integrar e estabelecer ordem é consequência do caráter coercitivo da religião, percebida como fato social.

É possível falar da religião tanto através dos problemas históricos como etnológicos, mas Durkheim como sociólogo se propõe a discutir a religião e a relação do homem com essa realidade cotidiana, embora essa realidade se reporte a épocas e civilizações das mais antigas possíveis que se tem conhecimento. Conhecer a relação da humanidade com a religião é debruçar-se sobre a própria história.

Essa historicidade perpetua-se através de símbolos presentes nas diversas religiões, e que trazem significação para a expressão de fé de cada civilização. "As religiões são tidas, com efeito, tendo um valor e uma dignidade desiguais; diz-se geralmente que elas não contêm todas a mesma dose de verdade"<sup>36</sup>. Dito isto se percebe que a sociologia busca as verdades da realidade humana; e essa vai ser uma tarefa também, segundo Durkheim, das ciências em descobri-las.

Para Durkheim não existe uma religião certa ou errada, o que acontece em todas as religiões de alguma forma é a busca de respostas para a existência humana, bem com o de suas dificuldades individuais e sociais, porque a religião não subsiste só, ela existe juntamente com o homem que é um ser social. O homem na

---

<sup>34</sup> WILLAIME, Jean-Paul. *Sociologia das religiões*. São Paulo: Editora Unesp, 2012, p. 32.

<sup>35</sup> WILLAIME, 2012, p. 33.

<sup>36</sup> DURKHEIM, 1990, p.148.



sua essência é composto da razão; ele, através de suas experiências de realidades vividas, consegue explicar situações empíricas, mas baseado na razão. E enquanto nas realidades mais místicas tem a necessidade também de buscar algo inerente à própria racionalidade, uma razão superior, algo divino, sobrenatural que sai do individual para o coletivo.

A religião pode ser percebida como algo mais do que representação. Ela tem um papel interventor na vida da sociedade, onde relaciona suas leituras morais com os elementos teológicos da vida, é a racionalidade movida pela mística<sup>37</sup>. A religião é vista desta forma como elemento da vida prática, é um elemento de uma realidade existencial. Segundo Alves

[...] o agir religioso reflete tantas vezes uma intensa atividade fabricadora da inteligência, como propriedade de um *homo faber*. Isso se faz claro na atividade que a função fabuladora desenvolve, criando os rituais, desenvolvendo seus determinismos, aprofundando uma comunicação simbólica com a sociedade, com a vida<sup>38</sup>.

Esta função fabuladora que fala Alves assume importância na relação do ser humano com o seu ambiente, pois é a interlocutora do mundo interior do ser humano com sua realidade externa. “Todo o criar é parte do sagrado que existe na pessoa”<sup>39</sup>. Esta é a realidade mística da religião. O agir religioso visto como um processo de resistência do ser humano conduz a uma preservação da vida. O agir do místico não desconecta o ser humano da realidade<sup>40</sup>.

Magalhaes Filho, referindo-se a religião afirma que

[...] religião é, então, a experiência da existência humana na relação com o Universo que se manifesta na relação da mulher e do homem com outras mulheres e homens – uma dimensão histórica. A religião é também um evento histórico<sup>41</sup>.

<sup>37</sup> ALVES, Robson Medeiros. *A intuição e a mística do agir religioso: a partir de Henri Bergson*. São Paulo: Edições Loyola, 2003. p. 102.

<sup>38</sup> ALVES, 2003, p. 139.

<sup>39</sup> ALVES, 2003, p. 140.

<sup>40</sup> ALVES, 2003, p. 103.

<sup>41</sup> MAGALHÃES FILHO, José Rômulo de. *A construção de um estilo de vida: família e relações de gênero na participação do projeto ético-político renovado*. 2014.186 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2014. Disponível em: <[http://repositorio.ufrn.br:8080/jspui/bitstream/123456789/13844/1/JoseRMF\\_TESE.pdf](http://repositorio.ufrn.br:8080/jspui/bitstream/123456789/13844/1/JoseRMF_TESE.pdf)>. Acesso em 11 de jul. 2016.

Como evento histórico, as religiões aparecem como elemento que traz força aos indivíduos para agirem em nome de um deus. Na abordagem durkheimiana, a religião é ação, um impulso para a ação do ser humano<sup>42</sup>.

Albuquerque referindo-se ao pensamento de Mircea Eliade, afirma que o marco fundador da religião se desloca da crença em uma divindade para a experiência do indivíduo, seja individual ou coletiva.<sup>43</sup> Na leitura que ele faz de Eliade, o mundo passa a ter sentido, quando encarado pelo homem que tem uma experiência com o sagrado. Assim, a religião deve ser sempre percebida em seu contexto histórico-cultural<sup>44</sup>. As diferentes religiões se formam em torno de si mesmas; embora as religiões possuam diferenças quanto a sua história, mesmo assim também se mostram semelhantes em alguns aspectos.

Na base de todos os sistemas de crenças e de todos os cultos deve haver, necessariamente, um certo número de representações fundamentais e de atitudes rituais que, apesar da diversidade de formas de que umas e outras possam se revestir, têm sempre a mesma significação e preenchem sempre as mesmas funções. Esses são os elementos permanentes que constituem aquilo que há de eterno e de humano na religião<sup>45</sup>.

A História em conjunto com a etnografia traz à baila as dificuldades, problemáticas e, através das ciências, também a verificação dos fatos primitivos onde estudos e pesquisas relacionados às religiões apontam para entender o passado, bem como o presente.

### **1.1.1 Religião e representação**

A representação é algo tratado por Durkheim. Ele propõe um debate epistemológico com duas correntes do pensamento, o empirismo e o apriorismo, e que tem sua passagem pela sociologia do conhecimento. Durkheim não concorda com a ideia do contrato social, onde a ordem social é vista por outros sociólogos

<sup>42</sup> WILLAIME, 2012, p.35-36.

<sup>43</sup> Cf. ALBURQUERQUE, Eduardo Basto de. A história das religiões. In: USARSKI, Frank (Org.). *O espectro disciplinar da ciência da religião*. São Paulo: Paulinas, 2007. (Coleção repensando a religião), p. 43.

<sup>44</sup> Cf. SCHMIDT, Brttina E. A antropologia da religião. In: USARSKI, Frank (Org.). *O espectro disciplinar da ciência da religião*. São Paulo: Paulinas, 2007. (Coleção repensando a religião), p. 82.

<sup>45</sup> DURKHEIM, 1990, p.151.

como inerente ao homem, mas sim como fatos sociais onde o individual vai formar o todo, e assim se torna autônoma, sem estar ligada à filosofia, à psicologia<sup>46</sup>.

O estudo da sociologia vai verificar os fatos sociais, bem como perceber o indivíduo na sua condição de ser social, pois é o fenômeno social de integração que faz o indivíduo<sup>47</sup>. Essa integração é que vai favorecer uma consciência coletiva e individual, pois é a mesma que irá nortear todos os costumes no que se referir ao coletivo, onde através do poder coercitivo das próprias instituições, os valores morais interiorizam e concomitantemente se exteriorizam na coletividade; é a moralidade destes fatos que levará o ser humano agir e será refletido no coletivo, onde se poderá perceber o bem e o mal conforme o estabelecido.

Religião é força moralizadora. Ela vai dar suporte à sociedade. Como elemento socializador a religião permite que o indivíduo tome consciência da necessidade de se adequar a padrões específicos do grupo; o que refletirá no próprio meio social.

As instituições são idealizadas no âmbito coletivo com normas e valores. Durkheim não só vê a religião como forma de expressar normas e valores, mas consiste em uma abordagem de ordem sociológica do próprio fenômeno religioso. Segundo Weiss<sup>48</sup>, Durkheim difere magia de religião a partir do conceito de igreja. Afirma ele que “[...] uma sociedade cujos membros estão unidos por se representarem de uma mesma maneira o mundo sagrado e por traduzirem essa representação comum em práticas comuns”<sup>49</sup>. Então, para Weiss não há vida religiosa sem igreja na perspectiva de Durkheim.

Portanto, enquanto a religião só existe quando seus membros unidos formam uma igreja, ou seja, uma unidade moral consistente, a magia não serve de base para a formação de uma tal coletividade, o que levou Durkheim (2003, p. 29) a afirmar que “[...] não existe igreja mágica”<sup>50</sup>.

---

<sup>46</sup> BIZELLI, 2006, p. 2.

<sup>47</sup> BIZELLI, 2006, p. 2.

<sup>48</sup> WEISS, Raquel. Durkheim e as formas elementares da vida religiosa. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 13, n. 22 p. 95-119, jul./dez. 2012. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/debatesdoner/article/download/36520/23591>>. Acesso em: 20 dez. 2015, p. 105.

<sup>49</sup> DURKHEIM *apud* WEISS, 2012, p. 105.

<sup>50</sup> WEISS, 2012, p. 105.

Religião aparece como um fenômeno social, que tem como função básica garantir a unidade de certo grupo, além de ser visto como elemento de sacralidade nos clãs das sociedades primitivas<sup>51</sup>.

A partir dessa ideia central da religião é que Durkheim vai colocar suas principais e importantes ideias sobre a sociologia da religião e que se estende até uma sociologia do conhecimento. Como sociólogo, busca conhecimento na religião através de uma metodologia que procura analisar como as forças sociais agem no indivíduo que a interioriza, e que, no ato de reflexão, irá exteriorizar para a sociedade tornando-se um sentimento coletivo.

Durkheim faz uma abordagem no que diz respeito à religião quanto ao aspecto moral. Segundo o seu pensamento, a religião se propõe a uma abordagem sociológica da moral. Ainda se referindo ao pensamento durkheimiano, a religião não pode ser concebida de forma universal, haja vista que nem todas as religiões praticam dogmas e ritos iguais; há religiões que nem creem em uma divindade ou na existência de um Deus. Para Durkheim a religião transcende a existência de um deus ou até espíritos, pois são justamente os fenômenos sociais que caracterizam a religião e estes, por sua vez, são crenças e ritos que resultam numa divisão entre o sagrado e o profano, que vão se diferenciar das demais formas de representação.

As crenças são aspectos de algo específico, e é justamente esse algo, ou seja, o objeto da crença, que a define enquanto crença, enquanto representação especial, diferentemente das demais formas de representação.

O sagrado e o profano, as crenças, os ritos, estão presentes em todas as religiões, porém, não é isso que vai evidenciar certas religiões; a magia também possui elementos fundantes na religião. No seu caráter social, a religião é um fenômeno e possui uma organização de partes que funciona cada qual com funções específicas e, dentre estas, surge a figura do Totem, por exemplo, que é uma representação (fenômeno) em que a crença se alimenta no intuito de firmar-se em algo que sente e precisa expressar como algo palpável e que existe, e se possa venerar enquanto algo sagrado, de geração a geração. Em um clã criava-se vínculos familiares através de totem que é expresso pelo símbolo, tornando-se algo sagrado para determinada crença; também para Durkheim é um símbolo que traz consigo a

---

<sup>51</sup> Cf. WEISS, 2012, p. 96.

explicação de algo real<sup>52</sup>. No cristianismo, ritos fúnebres são símbolos e refletem as crenças de grupos específicos.

Segundo o pensamento Durkheimiano da ligação religião e sociedade, nasce então o fato que é a crença, e esta resultará no surgimento do sagrado<sup>53</sup>. A sociedade com autoridade induz o indivíduo a respeitar e aceitar todos os ditames possíveis; é como se houvesse uma força que conduz o indivíduo ao ponto que ele não perceba; e essa força atua como se fosse um deus; que vem desde as mais distantes épocas na vida da humanidade até a contemporaneidade. E, no momento em que ocorre o rito, e percebe como as práticas sociais exprimem seus diversos sentimentos e valores que existem em comum.

Essa força atua de forma tempestuosa na vida coletiva dos indivíduos, partindo daí para as representações coletivas que vão ditar o modo de agir de cada indivíduo, se estendendo ao grupo. A religião aparece como tentativa de explicação da natureza e destas forças<sup>54</sup>.

A crença possui um grau elevado não só de coerção social, mas também de garantia de sua existência na sociedade, sendo então explícita como um fato social, pois irá fomentar cada indivíduo a agir de acordo com sua consciência e crença, levando os indivíduos a vivenciar uma crença comum; surge dessa consciência um grupo religioso que nada mais é também que um grupo social, e as ações praticadas por esse grupo social refletem como fato social.

### **1.1.2 Religião e construção do mundo**

O homem está para a sociedade assim como a sociedade está para o homem, ou melhor, a sociedade só existe e subsiste por causa e em função do homem. Não há sociedade sem a presença humana que, por sua vez, se estabelece através da sociedade. É vivendo em sociedade que se dá o desenvolvimento humano.

---

<sup>52</sup> Cf. WEISS, 2012, p. 109-111.

<sup>53</sup> Cf. DURKHEIM, 1990, p. 155.

<sup>54</sup> Cf. WEISS, 2012, p. 113.

E o resultado da inserção de um no outro é a discussão dialética<sup>55</sup>. Para Berger “toda a sociedade humana é um empreendimento de construção do mundo”<sup>56</sup>. Isto implica na relação dialética. Da mesma forma que o homem se humaniza na sociedade, ele é produtor dela. Através da consciência humana, o indivíduo constrói o mundo. Este processo dialético se realiza em três momentos distintos: a exteriorização, a objetivação e a interiorização.<sup>57</sup> Pode-se afirmar que é na vida coletiva que o ser humano se humaniza, torna-se verdadeiramente humano. Seguindo o raciocínio de Berger, é através destes elementos que compõem a dialética que o ser torna-se humano.

Ao se referir a exteriorização a ideia trazida é a da manifestação no ser humano, seja na forma física ou mental de atos no mundo. É o modo como se aparece no mundo. O ser humano que se manifesta diante da sociedade se exterioriza. Não há relação social sem aparecimento, sem exteriorização humana. Já a objetivação expressa estes atos e sentimentos como algo que é resultado da própria conscientização humana. Sabedor de sua condição de ser de relação, o ser humano busca aprender a viver em sociedade. Inicialmente através de um aprendizado externo, mas com o passar do tempo tomando para si os valores, as crenças, normas que são externos a ele.

O ser humano é exteriorizante por essência. Há uma mistura dele com o mundo, seja na forma física, ou na razão. O ser humano é dependente do ambiente que vive, das ações físicas e emocionais que o cercam. Diferente do ser não-humano, que surge formado, exclusivamente instintivo, necessário à sua sobrevivência. O não-humano é voltado para si mesmo. O ser humano nasce voltado para o outro, como ser de relação. Transforma-se e transforma o mundo a sua volta. É neste contato que a exteriorização ocorre. Nas ações transformadoras: produtor e produto de cultura. São linguagens, símbolos, instrumentos, modos de organização social. Cria, recria; significa e ressignifica. Sua sobrevivência está condicionada a coletividade.

O ser humano então se relaciona com a sociedade pelo fato de existir a atividade humana objetivada, ou seja, as constituições da sociedade são conhecidas

---

<sup>55</sup> BERGER, Peter Ludwig. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1985 (Coleção sociologia e religião; 2), p. 15.

<sup>56</sup> BERGER, 1985, p. 15.

<sup>57</sup> Cf. BERGER, 1985, p. 17.



pelo homem a partir do mundo objetivo. Para Berger a “coercividade fundamental da sociedade está não nos mecanismos de controle social, mas sim no poder de se constituir e impor como realidade”<sup>58</sup>. Neste contexto aparece a linguagem, a arte, a religião. Ação do ser humana é objetiva.

Mas a socialização, o tornar-se ser social se completa com o processo de interiorização, que não só controla o indivíduo, como também o abre para o mundo, pois interiorizar é assumir como seu aquilo que foi dado. É neste instante que o ser humano se revela como o produto da sociedade<sup>59</sup>.

A religião, como elemento socializador, coloca este ser humano em contato com o mundo externo, se apresenta como moral e norma. Ao assimilar os valores religiosos, o ser humano de determinado grupo interioriza a religião, passando a ser ela um dos meios de humanização de mulheres e homens.

Segundo Berger<sup>60</sup>, o homem não possui um mundo programado, estabelecido, mas através da exteriorização, das atividades físicas e mentais, bem como a objetivação e da interiorização que o homem é levado a refletir e ter uma consciência que é subjetiva, mas que vai definir o homem como um produto da sociedade, justificando assim esse mesclado de homem e sociedade.

A objetivação transforma a sociedade única em seu gênero e o homem se torna o seu produto. A pessoa não pode ser formada de maneira a viver para si próprio, ela por si mesmo foi e é formada para manifestar-se no espaço que ocupa.

A sociedade se faz presente no convívio humano e, no seu desenvolver, a religião aparece como elemento exteriorizante na formação do mundo. Também a própria objetivação é resultado de uma consciência subjetiva que será reproduzida em ações humanas a fim de construir o mundo que o cerca; as atividades produzidas, criações efetivas, a valoração atribuída a diversas formas de agir e também de pensar, enfim, isto tudo requer uma interação com o meio em que se está inserido: é o meio social, pois o ser humano é o único animal que subsiste juntamente com outros seres iguais e desenvolve-se através da interação com tal; e a religião tem parte importante nessa socialização<sup>61</sup>.

---

<sup>58</sup> BERGER, 1985, p. 25.

<sup>59</sup> Cf. BERGER, 1985, p. 16-18.

<sup>60</sup> Cf. BERGER, 1985, p. 18.

<sup>61</sup> Para Berger (1985), socialização é o meio pelo qual o ser humano aprende a viver em sociedade, adequando-se às regras estabelecidas pelo grupo.

A sociedade se mostrará então como necessariamente um produto de ações do homem, possibilitando a introdução da religião, pois é através das ações na sociedade que surge a mesma, e essa faz com que o homem a compartilhe através da socialização com outro ser humano. Aparentemente a sociedade se mostra ao indivíduo como forma de realidade exterior, dificultando, muitas vezes, que o homem a possa perceber e entendê-la. “Ele não é capaz de descobrir por introspecção o sentido de um fenômeno social”<sup>62</sup>.

Mas a sociedade tem abrangência na própria existência e através do seu poder coercitivo que decide pelo indivíduo controlando sua forma de ser e agir, com um poder integral na vida do indivíduo, sejam de ordem física ou referentes aos próprios comportamentos e atitudes. A sociedade manipula o indivíduo de tal forma, que tanto pode restaurá-lo como pode aniquilá-lo completamente.

É algo que não se pode fugir numa sociedade: a imposição de papéis a serem cumpridos, pois a realidade que é objetiva impõe os papéis sociais a serem exercidos<sup>63</sup>. O indivíduo interioriza o papel que lhe é atribuído, seja de pai, filho, filha, esposo, esposa ou de ser religioso.

## 1.2 A morte no contexto do ocidente

Embora não se possa perceber de imediato, ao rever a história da morte observa-se que mudanças ocorreram com o passar dos tempos, esta percepção às vezes lenta e não tão clara em alguns momentos; é então através da sensibilidade de historiadores como, por exemplo, Philippe Ariès, que buscou-se na sua “História da Morte no Ocidente” discorrer sobre o tema, bem como seus ritos e mudanças ocorridas durante a formação da sociedade ocidental. Ele descreve que algumas atitudes frente à morte, do medievo à contemporaneidade, estão ligadas a interesses econômicos.

Ariès divide seu livro em duas partes. Na primeira parte ele vai discorrer sobre “As atitudes diante da Morte”, e a subdivide em: a morte domada; a morte de si mesmo; a morte do outro; a morte interdita. É na segunda parte, onde de fato está o interesse para o propósito da discussão, que Ariès revê pontos mais distintos

---

<sup>62</sup> BERGER 1985, p. 24.

<sup>63</sup> Cf. BERGER 1985, p. 27.



como: A morte invertida e a mudança das atitudes diante da morte nas Sociedades Ocidentais.

Ao começar falando da morte domada, Ariès questiona como nos romances medievais ocorria a morte dos cavaleiros. Diz que uma coisa era certa: “Não se morre sem se ter tido tempo de saber que se vai morrer”<sup>64</sup>. Duas maneiras de se ver a morte, seja ela medonha através doenças que dizimaram muitos na Idade Média, conseqüentemente estas doenças sem cura eram a certeza de que a morte estava próxima; e, quando a doença chegava, poderia ser cristão ou não. Havia também a morte dita natural, súbita, que não se espera, mas de alguma forma o homem sabia que iria morrer, por uma certeza natural. E não adiantava tentar atrasá-la, simplesmente admitia-se que estava na iminente morte.

No Século XII já se preservava um ritual de morte, onde as pessoas de algum modo se preparavam para morrer, já se posicionavam de forma a olhar para o céu; é certo que essa era uma postura do “cristianismo primitivo onde o morto era representado de braços estendidos em atitude de oração”<sup>65</sup>. A reflexão da morte nesse contexto era baseada na esperança cristã, uma vez que se esperava uma vida pós-morte melhor que esta vida terrena; uma vida celestial. Essa preparação, se é que assim pode se chamar, é algo que em algumas culturas cristãs se tem desenvolvido.

Ao levar uma criança ao velório de alguém, o que ocorre raramente na atualidade, geralmente ao velório dos avós, ou um parente idoso, se abre o espaço para a reflexão sobre o tema. No dia-a-dia as pessoas tendem a afastar a criança, para que assim ela não presencie momento fúnebre de qualquer pessoa, exceto se for de um parente bem próximo da convivência, mesmo assim com restrições.

A morte ainda hoje é temida, porém os antigos, em seus ritos e crendices, se preparavam para morrer nas civilizações pré-cristãs, por exemplo. Essa preparação se destinava a moribundos, não só com uma espécie de extrema-unção, mas na divisão de bens e pertences do mesmo, já se pressentia a própria morte. Morte esta temida não só pelo que estava à beira da morte, mas por todos que o cercavam.

---

<sup>64</sup> ARIÈS, 2012, p. 31.

<sup>65</sup> ARIÈS, 2012, p. 37.

A morte domada é para Ariès a morte aceita, aquela que não se pode dissociar da vida do indivíduo. Ela é esperada como ordem natural das coisas, por isso, como já afirmado, é compartilhada por ritos coletivos.

As mudanças, embora despercebidas, sempre existiram e nunca irão deixar de existir. A partir do século XI e XII, embora muito levemente, mudanças vão sendo constatadas na forma da aceitabilidade e da intimidade do ser humano com a morte; onde acontecia de certa forma a aceitação da morte como algo natural que há de vir sobre todos. Esse fato é algo em relação ao qual não se pode fugir, e em algum momento da história de vida de cada indivíduo, seja de forma “domada” ou de qualquer outra forma<sup>66</sup>. Ariès vai chamar de morte de si mesmo esta individualização da morte, as sepulturas coletivas tornam-se individuais. A morte causa no ser humano uma tomada de consciência de sua limitação.

Ao falar da morte do outro Ariès apresenta obras literárias, bem como obras de cunho artístico, onde a morte se apresenta de forma mais dolorosa, trágica; há certa mudança com relação à morte domada. Para Ariès a perda é um ato de muito sofrimento, ao se perder um ente querido o luto é sofrido.

Na narrativa histórica, Ariès mostra que o doente não mais se importava em fazer o seu testamento; ele se expressava oralmente no leito de morte, e até no ritual fúnebre há mudanças. Essas mudanças perduram até os dias de hoje, pois, com o avanço da ciência e da tecnologia, as pessoas se retraem mais em prestar homenagens ao morto, há um grande temor e não se discute sobre a morte e o morrer, não há uma educação para a morte, que poderia se tornar em educação para a vida<sup>67</sup>.

As mudanças continuam e, a partir de meados do século XVIII, principalmente com relação às questões que envolvem os ritos fúnebres e aos testamentos que se organizam, facilitando assim a forma de respeito às vontades do defunto e uma certa familiaridade com a morte.

A assistência da família junto ao moribundo passou a ter um significado maior: “a complacência romântica acrescenta então muito mais ênfase às palavras e

---

<sup>66</sup> ARIÈS, 2012, p. 40.

<sup>67</sup> Cf. MARQUES, Patrícia Regina Moreira. *Pedagogia da morte: a importância da educação sobre o luto nas escolas*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013, p. 46-47.

aos gestos do moribundo”<sup>68</sup>. Ainda com as transformações no histórico da morte, Ariès vai mostrar que, mesmo com estas mudanças, a morte continua sendo temida, porém vêm à tona outros aspectos que embora sutilmente vão mostrar mudanças.

Na segunda metade do século XIX há uma preocupação diferente do século anterior, que é justamente no aspecto de resguardar o moribundo quanto à condição do seu verdadeiro estado de saúde, e então a tendência era esconder-lhe a verdade. É aquilo que Ariès vai chamar de morte interdita. Esse fenômeno propriamente dito, com a evolução nas décadas de 30 a 50 do século XX, ao invés do moribundo morrer em casa num ambiente familiar, ele é transportado para um “hospital, porque este se tornou o lugar onde se prestam os cuidados que já não podem ser prestados em casa”<sup>69</sup>. Há mudanças desde os ritos e até em como demonstrar seus sentimentos ante as perdas, bem como o próprio luto. É como se quisesse negar a morte ou correr da própria morte e, ao interná-lo no hospital, o moribundo morre sozinho, sem pessoas ao seu redor. Ariès afirma que:

[...] os autores chocam-se com a maneira de morrer, com a desumanidade, a crueldade da morte solitária, nos hospitais e em uma sociedade em que o morto perdeu seu lugar eminente reconhecido pela tradição durante milênios, em que o interdito sobre a morte paralisa, inibe as reações do círculo médico e familiar<sup>70</sup>.

Para Ariès a morte passa a ser uma consciência de todos os atos ocorridos na própria vida e, mesmo com a crença em uma vida que venha depois da morte, o que muitas vezes é inadmissível ou até mesmo aceitável.

A morte interdita assume, no contexto social do ocidente hoje, uma condição também de fato social. A morte é tratada como elemento distante, que deve estar longe do olhar das pessoas. Ela exerce uma coerção quando a maioria das pessoas não deseja falar sobre ela, não pensam nela como uma realidade iminente. A sociedade ocidental rejeitou a reflexão sobre a morte, fugindo assim de um enfrentamento fundamental para a compreensão do ser humano na vida coletiva.

---

<sup>68</sup> ARIÈS, 2012, p. 72.

<sup>69</sup> ARIÈS, 2012, p. 86.

<sup>70</sup> ARIÈS, 2012, p. 97.

### 1.3 A morte como processo de aprendizagem na religião

Embora alguns filósofos afirmem que a religião é uma forma de condicionar<sup>71</sup>, de consolar, e até justificar o medo da morte, a religião, no seu propósito em geral, surge a partir de o próprio ser humano possuir certa necessidade de explicar sua existência a partir do desconhecido. Esta necessidade de explicação é inerente ao ser, o homem e a mulher enquanto seres pensantes e que têm sentimentos, desejos e vontades, têm em si próprios essa necessidade. Explicar a existência a partir do desconhecido gera no ser humano aquilo que se chama de religiosidade. Isso leva cada ser humano, cada grupo social a criar, dentro de suas próprias necessidades, uma religião que lhe dê respostas às suas inquietações no que diz respeito a todas as questões da vida, também da morte e ao sobrenatural.

Autores diferem religiosidade de religião. Para Simmel, a primeira precede à segunda, e está diretamente ligada à experiência humana. A segunda tem a ver com o elemento histórico, organizacional “[...] não é a religião que cria a religiosidade, mas a religiosidade que cria a religião”<sup>72</sup>. A religião é um fator motivador da existência humana.

Partindo destes pressupostos, pode-se dizer que, na história das sociedades, a religiosidade de uma pessoa o levará a ligar-se a uma religião<sup>73</sup>. E esta lhe proporcionará, de alguma forma, momentos de bem-estar e uma melhor convivência social, bem como a busca de experiências que lhe dê suporte para enfrentar as adversidades da vida, bem como a da morte.

O cristianismo, como expressão de religiosidade, cumpre a função de motivar o ser humano a viver uma vida coletiva. Isto é, assume a posição de religião formal, que estabelece normas de convívio social quando agrega pessoas que passam a viver experiências semelhantes e projetarem esperanças comuns. No que

---

<sup>71</sup> Cf. CHIAVENATO, 1998, p. 91-93.

<sup>72</sup> SIMMEL *apud* CIPRIANI, Roberto. *Manual de sociologia da religião*. São Paulo: Paulus, 2007, p. 121.

<sup>73</sup> Em um contexto contemporâneo, as experiências religiosas, a religiosidade como aqui vem sendo exposta, não necessariamente se manifesta na formalidade da religião institucionalizada. O foco da discussão aqui apresentada é a religiosidade fundante da religião.

se refere à vida pós-morte: “O discurso religioso, durante o rito de morte no cristianismo, além de servir de consolo, é o momento de uma chamada à vida”<sup>74</sup>.

Essa é, numa perspectiva cristã, uma forma de enfrentar a morte em que é percebida como castigo por um pecado original, como já observado acima. Este enfrentamento vem se mostrar como uma forma esperançosa de um encontro com o Criador, pois Deus, na visão cristã, ao criar homem e mulher, os criou para que eles pudessem viver para sempre, segundo a perspectiva do cristianismo. Se a morte os separa, o mesmo Criador possibilitou que homem e mulher pudessem ter esperança de um dia voltar à presença dele, tendo a morte do físico, mas, com a esperança de ter a vida eterna, vida espiritual com o Criador.

A morte então será vista, ou melhor, deveria ser percebida, sentida, esperada pelos cristãos como uma forma de encontro, algo bom de se esperar. Mas será esta realidade? “[...] Quanto mais religioso, maior o medo”, afirma Chiavenato<sup>75</sup>, o que revela que a fé, em algum momento, é questionada devido ao medo do desconhecido.

Ao se negar ou fugir do assunto morte, percebe-se que esse medo está presente no ser humano de um modo geral, talvez pelo mistério que envolve ou por não buscar um conhecimento maior do viver e do morrer, como se percebeu nas entrevistas realizadas, que são apresentadas no Capítulo 3 deste trabalho.

Não aceitar a ideia de que a vida e a morte estão juntas e que, uma faz parte da outra, é uma forma de negação da própria existência. Todos têm a consciência de que o ser humano tem um ciclo natural, que é: o nascer, o viver, e o morrer. Esta é uma realidade que deve ser explorada no seu sentido mais amplo, tanto no que diz respeito à praticidade do entendimento, quanto à subjetividade desta realidade, a todo o ser pensante. Ou seja: mulher e homem, que estejam no seu estado vital de consciência das coisas que os cercam, possam no próprio viver, e no viver do outro, procurar buscar na vida respostas para a morte, independente da sua religião.

É na religiosidade presente no dia-a-dia que se encontrará a referência para se posicionar na vida e também na morte. Desta forma então, a religião tomará a posição de elemento integrador, onde possibilitará a aceitação da morte, enquanto parte da própria vida.

---

<sup>74</sup> Cf. SOUTO; MAGALHÃES FILHO, 2014, p. 9.

<sup>75</sup> CHIAVENATO, 1998, p. 16.

É na convicção de que há vida pós-morte, adquirida pelos ensinamentos religiosos, que os adeptos das religiões se unem em uma fé e estabelecem dogmas, utilizando os ensinamentos passados pelos ancestrais. É neste ponto que os historiadores apontam a ligação do passado com o presente. No dizer de Chiavenato “[...] Ao viver em uma civilização judeu-cristã estamos submetidos a valores religiosos impostos durante séculos”<sup>76</sup>.

Há um lamento quanto ao morto, mas o cristão crê que Jesus é a ressurreição e a vida, pois segundo a Escritura Cristã, esta é a esperança que alimenta a fé. No cristianismo, pensar vida eterna é pensar a salvação na sua plenitude, inclusive na vida futura. Na perspectiva do cristianismo, esta vida já é uma realidade presente<sup>77</sup>.

Um dos espaços em que há um ensinamento sobre a morte entre os protestantes, sem causar constrangimentos aos fiéis, são as cerimônias fúnebres. Souto e Magalhães Filho ao tratar dos ritos fúnebres entre católicos e protestantes, demonstram que o discurso protestante está baseado no consolo, mas também em certo preparo para a morte, no que se refere à preocupação com sua existência eterna. Essa convicção de vida eterna é característica de uma religiosidade que vai buscar na religião esse consolo<sup>78</sup>.

A religião aparece então como meio para preparar o indivíduo para o encontro com o desconhecido. Cumprindo sua função social de ensinar normas de convivência, neste caso de relacionar-se com o desconhecido, ela elabora um discurso pautado no convencimento e na obediência. Obediência esta que pode colocar o crente em um lugar feliz, ao lado do seu redentor. Este discurso sobre a morte e o morrer tem uma função reguladora e pedagógica.

---

<sup>76</sup> CHIAVENATO, 1998, p. 97.

<sup>77</sup> SCHIMITT, E. Morte. In: BAUER, Johannes B. (org.). *Dicionário de Teologia Bíblica*. Tradução de Helmuth Alfredo Simon. 4. ed. São Paulo: Loyola, 1988, p. 729-733. v. 2.

<sup>78</sup> Cf. SOUTO; MAGALHÃES FILHO, 2014, p. 26-28.



## 2 A MORTE E O MORRER EM ELIZABETH KÜBLER-ROSS

Este capítulo tem como objetivo apresentar o pensamento de Elizabeth Kübler-Ross no que se refere à necessidade de um aprendizado sobre a morte e o morrer. A partir dos elementos aqui apresentados, pretende-se demonstrar que a esperança numa vida após a morte não é elemento suficiente para se desenvolver uma pedagogia da morte.

De algum modo todo ser humano, de qualquer época, sente certa inquietação diante do elemento desconhecido. E, quando este elemento é algo em que não se vislumbra uma reversão, o temor aumenta. A morte é um destes elementos da experiência humana que inquieta. Diante da realidade da morte, Kübler-Ross propôs alguns estágios que o ser humano passa quando se tem a consciência da morte<sup>79</sup>. Seu estudo foi realizado com pacientes terminais.

A morte e o morrer parecem ter o mesmo sentido, entretanto existe uma diferença entre as expressões e atitudes. Todo o ser humano tem o temor da morte, mesmo sabendo ser esse o destino de todos. Segundo Kübler-Ross, no passado a morte era temida, mas numa intensidade menor que hoje. Se morria com mais calma; em casa, no aconchego da família. Traz como exemplo um caso ocorrido ainda em sua infância de um homem que acidentalmente cai de uma árvore e fica gravemente ferido. Rejeitando ser levado ao hospital decide morrer em casa. O moribundo chama seus filhos, fala com cada um, distribui bens e tarefas, despede-se da mulher, chama os amigos para se despedir e morrer em casa com seus entes queridos e amigos<sup>80</sup>.

Existia o temor? Sim, porém, a morte no pensar da autora citada era mais digna. Hoje a morte é temida, e não se prepara para o morrer, pois o morrer é um processo; etapas que tem como o intento fugir da própria morte, ou minimizar o impacto da mesma. Ou seja, se as pessoas tivessem o hábito de discorrer mais sobre a “morte”, o momento final seria mais tranquilo, menos doloroso, para si e para os que estão próximos.

---

<sup>79</sup> Cf. KÜBLER-ROSS, Elizabeth. *Sobre a morte e o morrer*: o que doentes terminais têm a ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos próprios parentes. 9. Ed. Martins Fontes, São Paulo, 1998, p. 41; 43-51.

<sup>80</sup> Cf. KÜBLER-ROSS, 1998, p. 9.

Em muitos dos casos o desespero da morte de um ente querido, ou algum amigo aponta para a realidade da própria morte. Diante, por exemplo, de um acidente, há um misto de desespero e tranquilidade ao mesmo tempo; desespero pelo fato de pensar que poderia ser o próprio funeral e tranquilidade por não ser o seu próprio: “escapei dessa vez”<sup>81</sup>.

O processo de morrer se dá a partir do momento em que as pessoas passam a agir para “retardar a morte”, mas não evita-la. O morrer é a preparação para a morte, elemento subjetivo que se manifesta no coletivo, a partir da relação com os mais próximos. A religião é chamada, com seu discurso de esperança e fé, a preparar para o morrer, e não para a morte necessariamente.

A medicina tem outro propósito, seu objetivo é impedir a morte. Kübler-Ross referindo-se a esta realidade traz como exemplo doentes hospitalizados, acometidos de algum mal estar. Desde o início dos procedimentos médicos, ainda na maca de uma ambulância, com uma sirene estridente, e depois, ao ser transferido para um ambiente em que os profissionais estão preocupados em preservar a vida, e não necessariamente com o ser humano enquanto “pessoa” que é socorrido. Preocupam-se com a pressão, circulação, coração, e em alguns momentos o uso de aparelhos que vêm substituir órgãos vitais, tudo com um único objetivo: impedir a morte do paciente (ser humano, pessoa, pai, mãe, filho)<sup>82</sup>.

Nesse processo a pessoa humana, não é respeitada, até porque fica privada do direito de decidir se quer ou não ir ao hospital. É induzida para esse processo de muitas atividades e procedimentos que irão adiar sua morte, porém, não de evitá-la.

O enfrentamento da morte é uma questão que Kübler-Ross ajuda a responder. Este capítulo tem como objetivo apresentar o pensamento da autora, tornando-se chave de leitura para as entrevistas que foram realizadas durante a pesquisa.

Kübler-Ross analisa as atitudes diante da morte e do morrer alegando que a sociedade ocidental tem todo um direcionamento para fugir da morte, usando como recurso principal o ignorar a existência dessa realidade. Em seu estudo, ela apresenta os estágios em que os indivíduos passam quando já se encontram em

---

<sup>81</sup> Cf. KÜBLER-ROSS, 1998, p. 17.

<sup>82</sup> Cf. KÜBLER-ROSS, 1998, p. 12.



uma condição terminal da existência. Os estágios analisados e apresentados por Kübler-Ross retratam a busca por um sentido de vida

O primeiro estágio é a negação e o isolamento — este é o momento de recusar a morte, a não aceitação. O segundo momento é o de raiva, quando se revolta com a expectativa iminente; é uma fase de agressão aos que estão próximos. O terceiro estágio é o da barganha; são ações de bom comportamento, de tentativas de ser um bom pai, uma boa mãe, buscando com isso a cura de uma enfermidade e, conseqüentemente, a prolongação de seus dias. A próxima fase é a da depressão, fase na qual o indivíduo se retém, passa a viver mais recolhido, vivenciando as perdas. Quando o indivíduo usa o estágio anterior de modo a refletir na sua real condição, passa a viver o último estágio, o da aceitação.

No pensar de Kübler-Ross, estas fases não se apresentam apenas em indivíduos que tem alguma doença terminal, os idosos da mesma forma nos trazem a ideia da morte, passam por etapas semelhantes. Através dos tempos o ser humano tem tentado de várias formas se tornar imortal. E até se tem aumentado a perspectiva de vida do ser humano. E isto é percebido na busca dos idosos em uma melhor forma de se cuidar, aumentando a expectativa de vida.

Kübler-Ross afirma em um dos seus textos, de forma reflexiva que “a morte é apenas uma transição da vida para uma outra existência onde não há mais dor nem angústia”<sup>83</sup>. A partir desta concepção de morte, é necessário se tomar consciência de que a morte deve encarada como algo natural. Eis a ideia de “morrer”.

Kübler-Ross traz em seus escritos a ideia de que existe no ser humano a “noção básica, ainda que inconsciente, que a morte diz respeito aos outros e não a nós”<sup>84</sup>. A inquietude é tamanha que se transfere para o outro a ideia de morte.

A angústia que assola todos os seres humanos em qualquer época da história humana não mudou. Mesmo diante de avanços científicos, o temor e a incerteza se fazem presentes. E isso é revelado em atitudes simples, como

---

<sup>83</sup> KÜBLER-ROSS, Elizabeth. *A Roda da Vida: memórias do viver e do morrer*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 1998. Disponível em: <<http://www.projectoluz.com/PublicDocs/ARodadaVida-ElizabethKubler-Ross.pdf>> Acesso em: 25 ago. 2015, p. 297.

<sup>84</sup> MARQUES, Fernanda Flório Padilha. *A construção da finitude na transição do século XX para o século XXI: contributo para o estudo do caso português*. 2010. 141 f. Dissertação (Mestrado em História das Ideologias e das Utopias Contemporâneas) - Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras, Coimbra, 2010, p. 44.

esconder a morte de uma criança ou de revelar a um idoso que um amigo seu morreu.

O preparar-se para enfrentar esta realidade é uma das tônicas que Kübler-Ross apresenta em suas obras. Aquilo que neste trabalho é chamado de pedagogia para a morte e o morrer. No entanto, não apenas o sujeito que tem diante de si a morte deve estar preparado, como também seus familiares. Marques discutindo esta questão afirma:

Quando o fim se aproxima porque a vida foi vivida, devemos deixar que aquele ser humano viva os últimos tempos em paz, de modo natural. Não tem qualquer sentido insistir obstinadamente em prolongar uma vida que atingiu o seu limite. [...] Em situações em que a morte chega por esgotamento vital, que interesse pode ter submeter o idoso a 'tratamentos' dolorosos e nada dignificantes? Sem dúvida que necessita dos cuidados essenciais, tais como: alimentação e higiene mas também de amor, carinho e companhia; precisa também, e acima de tudo, sentir que não está só nos derradeiros momentos da sua vida. O homem tem de aceitar as suas limitações, e o inevitável, sem recorrer a subterfúgios. Não deve disfarçar nem a velhice nem a morte, porque distorce a realidade<sup>85</sup>.

## 2.1 A consciência da morte

No passado, vários são os motivos que levaram à morte pessoas, fossem velhas, jovens e até crianças. Com novas tecnologias, o avanço da medicina, um desenvolvimento farmacológico acentuado e vacinas com respostas positivas que erradicam várias doenças, as quais anteriormente causaram a morte de muitos. Esta situação tem se revertido e as pessoas estão vivendo por mais tempo e com menos sofrimentos. Também as várias formas de educação, sejam para a saúde ou para a preservação da vida, ou até mesmo para a morte, fizeram com que a vida se prolongasse mais um pouco além do que se vivia.

Pessoas passaram a viver com perspectivas de vida mais longa tornando-se idosas, mesmo convivendo com suas limitações físicas e psicológicas. “Pois aumentou também o número de pessoas com doenças crônicas, distúrbios psicossomáticos, desajustamento de comportamentos, solidão, enfim, pessoas mais angustiadas”<sup>86</sup>. Diante deste quadro é que Kübler-Ross procura refletir as mudanças no decorrer do tempo. Mudanças estas responsáveis pelo aumento do medo da

---

<sup>85</sup> MARQUES, 2010, p. 69.

<sup>86</sup> KÜBLER-ROSS, 1998, p. 5.

morte, bem como de uma carga emocional muito elevada para qual tem trazido a “necessidade de compreender e lidar com a morte e o morrer”<sup>87</sup>.

Nas culturas e nos povos antigos a morte é e sempre foi temida, como já apontado neste trabalho. A morte sempre foi olhada como um castigo, como algo que causa medo, repulsa, algo horrendo. É difícil de entender que a vida terá um fim; uma criança que não tem a consciência do que seja a morte e o morrer pode se sentir culpada ao desejar a morte, por exemplo, da mãe ou do pai ou alguém que queira bem e venha a morrer. Isso pode gerar na criança um sentimento de culpa caso a morte se concretize. O temor da morte é real.

O adulto, por sua vez, sabe que não está em seu desejo o poder de gerar vida ou morte. Esta faz sumir a culpa no adulto, entretanto não some o medo da morte; e isso é notório ao observar nos corredores dos hospitais onde pessoas acompanham pacientes em estado grave e, em muitos dos casos, já em estado terminal de uma doença qualquer. Essa sensação de medo pode ser reflexo da sua própria morte, ou seja, o medo por perceber que algum dia também pode ser o seu momento de morrer<sup>88</sup>.

As expressões mais extravagantes de pessoas que perdem seu ente querido como: gritar, descabelar-se, dar escândalo, geralmente são formas de autopunição, desencadeando uma ação de desespero e aflição, que culmina em algum ato de raiva. Reações que podem demonstrar culpa, medo, incerteza etc.

Embora não se possa jogar os sentimentos das pessoas, de um modo geral, homens e mulheres sempre temeram a morte, e isto é demonstrado nos seus rituais fúnebres nas diversas culturas. Mas, segundo Kübler-Ross, o que tem mudado nos últimos tempos é justamente o modo como se tem tratado a morte e o ato de morrer, principalmente em pessoas que estão vivendo seus últimos momentos.

Uma destas mudanças, ainda não tão implementada, é o se permitir que uma pessoa possa morrer no seu convívio cotidiano; o que Musse chama de “morte assistida”. Esta é uma forma de amenizar a dor e o sofrimento de quem está para morrer, bem como ajudar na adaptação dos que ficam com a falta de quem morreu<sup>89</sup>.

---

<sup>87</sup> KÜBLER-ROSS, 1998, p. 6.

<sup>88</sup> Cf. KÜBLER-ROSS, 1998, p. 9-10.

<sup>89</sup> Cf. MUSSE, 2015, p. 7.

Quanto mais a ciência evolui mais se teme a morte e nega-se a própria realidade dela. Na atualidade, morrer tornou-se mais triste do que sempre foi, transformando-se em algo mecânico, solitário e desumano. Ao retirar o paciente de perto de pessoas e familiares que cuidam, transportando-o para o hospital onde só existem pessoas desconhecidas, barulhos de materiais, enfermeiros conversando, médicos, e demais profissionais, de um modo geral o paciente não tem vontade própria; são os outros quem decidem o que será feito nele no intuito de prolongar mais um pouco sua existência; mesmo que em uma cama de UTI, entubado e dopado de medicamentos por inúmeras causas.

A preocupação com a pessoa humana se resume em salvar-lhe da morte. Kübler-Ross afirma que os médicos que cuidam de pacientes idosos buscam ensinar-lhes a viver com suas limitações. Sejam de habilidades físicas ou emocionais, como a solidão, o isolamento, as angústias naturais da idade. O não preparo gera desespero ao encarar a morte.

Uma criança que tem o luto compartilhado pela família estará se preparando para aceitar a morte como parte da vida e, ao amadurecer, suas ideias sobre a morte e o morrer serão bem trabalhadas.

As crianças geralmente são afastadas da pessoa que está prestes a morrer. Segundo Kübler-Ross, a criança é sensível o suficiente para perceber que algo está acontecendo, embora ela não entenda ainda o que está se passando, pois em muitos dos casos ela “é enganada ao dizer, por exemplo, que a mãe ou o pai foi fazer uma longa viagem ou foi para o céu”<sup>90</sup>.

Pensar na consciência da morte é refletir sobre a necessidade de se aprender sobre a morte e o morrer. Salviano, apresentando as ideias de Schopenhauer, afirma que é na morte que está toda a essência do ser em-si. Do ser que é e se revela na relação com o outro. Assim apresenta que o medo da morte em Schopenhauer é uma tolice, pois o valor da vida é incerto. Se a existência é breve, não há porque temê-la. Ter consciência da morte é ter consciência da brevidade da vida<sup>91</sup>.

---

<sup>90</sup> Cf. KÜBLER-ROSS, 1998, p. 10.

<sup>91</sup> Cf. SALVIANO, Jarlee. A Metafísica da morte de Schopenhauer. *Ethic@*, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 187– 197, julho de 2012, p. 188.

Musse parte também deste conceito, ao apresentar que a morte e a vida são irmãs gêmeas. Nascem juntas, se separam durante certo período, mas em certo estágio da existência se encontrarão<sup>92</sup>. Pensar, refletir sobre este momento é o que se chama aqui de consciência da morte ou uma pedagogia para a morte e o morrer.

## 2.2 Os estágios de aceitação da morte

Com o avanço da ciência e da tecnologia, como já se afirmou, o que é mais importante é o uso das tecnologias desenvolvidas, para justificar a tentativa do ser humano dominar a natureza, do que a pessoa propriamente dita. “O que acontece numa sociedade que valoriza o QI e os padrões de classes mais do que a simples questão do tato, da sensibilidade, da percepção do bom senso no contato com os que sofrem?”<sup>93</sup>. Por que acelerar ou amenizar momentos de incerteza e temor da possível morte? Será que a medicina conseguiu se humanizar o suficiente para cuidar e, de certa forma, tranquilizar pessoas em estado grave e ou em estado terminal de uma doença? Dentre estes e outros questionamentos, Kübler-Ross, expõe algumas das fragilidades humanas na questão das maneiras, comportamentos, atitudes diante da morte e do morrer.

A importância que é dada à pessoa humana em sua existência tem sofrido mudanças, das quais, de alguma forma, tem perpetuado o medo da morte e, conseqüentemente, uma não preparação para tal. “Se não pudermos negar a morte, pelo menos podemos tentar dominá-la”<sup>94</sup>. Precisa-se familiarizar-se mais com o tema *Morte* e estudá-lo sobre o fenômeno da existência humana, a fim de poder entender e se conviver com as perdas que a morte promove. Várias foram as mudanças que ocorreram no decorrer dos tempos em função da reflexão sobre a morte. Com o aumento crescente da violência, seja através de guerras, criminalidade exacerbada, ou acidentes; o grande temor da morte e do morrer tem sido expresso em atitudes de rejeição. Estes fatos não são controlados pelo ser humano, logo não sabe lidar com o que produz a morte; não se sabe ao certo como se portar e se comportar diante de quadros dramáticos como, por exemplo, de pacientes terminais. O indivíduo não mais decide o que será feito com sua própria

---

<sup>92</sup> Cf. MUSSE, 2015, p. 9.

<sup>93</sup> KÜBLER-ROSS, 1998, p. 15.

<sup>94</sup> KÜBLER-ROSS, 1998, p. 17.

vida. A família e os profissionais de saúde ficam procrastinando uma realidade, sem saber ao certo o que fazer.

É através de uma educação para a morte que se poderá, mesmo com todo o desenvolvimento tecnológico — onde aparelhos substituem órgãos, medicamentos diminuem o avanço de determinadas doenças —, também se proporcionar pelo processo de ensino-aprendizado a reflexão sobre o inter-relacionamento humano, buscando, dessa forma, a melhor maneira de se enfrentar a realidade da morte de forma digna, responsabilmente. E isso não só enquanto indivíduo, mas também no grupo social em que se vive: família, amigos, igreja etc. Fazer uma reflexão da própria morte e do morrer, sem precisar evitar aquilo que é real, que é a sua própria morte. Dessa forma, a consequência deste processo de ensino-aprendizagem seria uma ação coletiva, no que concerne ao cuidado com o outro; seja o profissional da área de saúde, seja o cuidador, os parentes ou qualquer outra pessoa. É o aprender simplesmente a cuidar do outro numa perspectiva de sociedade humanitária, a julgar que nas gerações subseqüentes outros problemas surgirão, sejam de ordem moral, ética ou psicológica, que envolverão justamente os conhecimentos científicos e tecnológicos e que ajudarão na resolução, senão de todos os problemas, mas de alguns como, por exemplo, o critério de decisão entre dois pacientes que necessitam de receber um órgão transplantado. Ou seja, qual dos dois deverá ser beneficiado, já que ambos estão na fila de espera do mesmo órgão, no mesmo período de espera.

O não enfrentamento da morte é indicativo de negação da morte. Kübler-Ross descreve atitudes diante da morte em doentes terminais e divide estas atitudes em cinco estágios. O primeiro estágio é justamente a negação e o isolamento. Não discutir o assunto com pessoas no seu dia-a-dia faz o indivíduo sentir-se saudável e, muitas vezes, jovem; surge o pensamento de imortalidade ao pensar-se que a morte nunca chegará a si e, ao ser acometido de algum tipo de doença grave, às vezes terminal, entra-se num processo de negar a própria morte e não aceitar essa condição de que está prestes a morrer. Então, normalmente a pessoa se isola e tenta fugir da situação, atitude essa que não o impedirá de morrer. Há muitas atitudes de se negar a morte, independente do estágio de uma doença ou até mesmo da idade avançada. O negar a morte acontece até como forma de defesa,



pois todo paciente tem a necessidade da negação, “mais frequente no começo de uma doença séria do que no fim da vida”<sup>95</sup>.

O segundo estágio é a raiva. É quando a negação da morte passa, e isso depende de pessoa para pessoa, pode-se haver mudança de estágio ou não. No caso de uma doença grave e mesmo no dia-a-dia, sem uma doença específica, pessoas não querem, não gostam e evitam falar de morte, e principalmente da própria morte; mas essa atitude de raiva é gerada especialmente em pessoas acometidas de doença fatal, não conseguindo aceitar sua morte ou mesmo a morte de alguém ligado a si por laços afetivos. Pessoas jovens que se encontram com uma doença no estado avançado, questionam o porquê de tal situação e se revoltam ao ver idosos saudáveis.

A raiva, segundo estágio, é o momento em que as pessoas externalizam a revolta que estão sentindo. Neste caso, tornam-se por vezes agressivos. Há também a procura de culpados e questionamentos, tal como: ‘Por que ele?’, com o intuito de aliviar o imenso sofrimento e revolta pela perda<sup>96</sup>.

Estes são pensamentos e atitudes de revolta, ódio, por estar morrendo em função de uma doença, surgindo, assim, a inveja de quem está vivo. Um idoso também pode ter esse pensamento, principalmente se a sua vida não foi bem vivida, como comenta Chiavenato: “O homem que chega ao fim da vida com medo da morte, não viveu bem, porque não aprendeu a morrer durante a sua existência. Vida e morte são realidades indissolúveis e unânimes”<sup>97</sup>.

Nesse estágio em que a raiva aparece é certo que todos que estão envolvidos no processo da descoberta de certa doença ou de um tratamento, para uma possível cura ou não, são afetados. E além dos parentes, amigos e principalmente médicos e enfermeiras que são alvos da raiva de doentes terminais. Surgem expressões como as relatadas por Kübler-Ross: “Os médicos não prestam, não sabem que exames pedir e qual o regime prescrever; mantêm os pacientes no

---

<sup>95</sup> KÜBLER-ROSS, 1998, p. 47.

<sup>96</sup> BASSO, Lissia Ana; WAINER, Ricardo. Luto e perdas repentinas: contribuições da Terapia Cognitivo-Comportamental. *Rev. bras. ter. cogn.* [online]. 2011, vol.7, n.1, p. 35-43. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbtc/v7n1/v7n1a07.pdf>>. Acesso em: 05 out. 2015, p. 38.

<sup>97</sup> CHIAVENATO, 1998, p. 87.

hospital mais que o necessário ou não respeitam os desejos deles quanto a certos privilégios”<sup>98</sup>.

Passada a fase da raiva, surge então o terceiro estágio que é o da “Barganha”; é uma fase curta, mas que faz parte desse processo da morte e do morrer, principalmente em doentes terminais que, em tratamento, podem fazer uso de barganhar, seja com familiares, amigos, médicos e enfermeiras ou até com Deus.

Acontece por um tempo curto, uma negociação, assim como os filhos fazem com os pais. Se eu fizer isso, você me dá aquilo! A maioria das barganhas é feita com Deus. As pessoas propõem uma meta, por exemplo: vou participar mais da igreja se conseguir me manter vivo por mais um determinado tempo<sup>99</sup>.

É com o Criador e doador da vida que há um grau maior barganha. Sempre por um pouco mais de vida: “Se Deus decidiu levar-me deste mundo e não atendeu aos meus apelos cheios de ira talvez seja mais condescendente se eu apelar com calma”<sup>100</sup>. Para quem professa a fé em alguma divindade é a ela que se recorrerá da forma mais íntima possível, com promessas de uma vida mais consagrada, mais dedicada às causas humanitárias e vida de serviço ao outro. Percebe-se, através da barganha, a possibilidade de um pouco mais de vida para realizar sonhos e, aos religiosos, de servir mais a Deus.

Passando então para o quarto estágio, depara-se com a depressão, que, segundo Kübler-Ross, depois do paciente terminal ter passado pelos estágios de negação, de raiva, barganha, agora entra num estado de depressão. A depressão pode ser reativa ou preparatória<sup>101</sup>. A chamada depressão reativa surge de outras perdas (como emprego, família etc.) devido à morte. Já a preparatória é aquela que aquieta o indivíduo e o coloca numa condição de ser pensativo sobre o que fez e o que não realizou.

Neste ponto já não esconde a doença, adquire-se uma consciência de que sua morte se aproxima; é aí que se começa a pensar basicamente nas perdas, nos sonhos não realizados ainda. Então é preciso que haja intervenção de profissionais

---

<sup>98</sup> KÜBLER-ROSS, 1998, p. 56.

<sup>99</sup> TAVERNA, Gelson; SOUZA, Waldir. O luto e suas realidades humanas diante da perda e do sofrimento. *Caderno teológico da PUCPR*, Curitiba, v.2, n.1, p. 38 - 55, 2014, p. 42.

<sup>100</sup> KÜBLER-ROSS, 1998, p. 87.

<sup>101</sup> Cf. BASSO; WAINER, 2011, p. 38.

para que pacientes com depressão sejam auxiliados para resolver questões que os afligem, e essa intervenção não deixa de ser uma preparação de aceitação para o morrer. Neste ponto o paciente se sente só.

O quinto estágio, o da aceitação, é plausível para pessoas que, de alguma forma, passaram e superaram as etapas anteriores. Não necessariamente em uma sequência específica, mas que receberam algum tipo de apoio que possibilitou chegar a este estágio. Os mais novos têm uma maior dificuldade de aceitação e preparação para a própria morte. O idoso por sua vez

[...] que durante os dias vividos, lutou por sobreviver e com o seu trabalho, de alguma forma pôde criar seus filhos, e viver experiências que lhes deram prazer [...] ao chegar esse momento de sua eminente morte, pode recordar, refletir nas experiências tornando-se como que consolo e de certa forma como missão cumprida, dando certa tranquilidade no morrer, muito mais que um paciente jovem<sup>102</sup>.

O não encarar ou não falar sobre a morte poderia, de certa forma, ser menos doloroso, pois se as pessoas falassem e conversassem sobre a morte e o morrer, de modo tão natural como qualquer outro assunto, a aceitação seria menos dolorosa. Neste estágio as pessoas estão mais serenas diante da morte iminente. É o instante em que os idosos, preferencialmente, conseguem expressar sentimentos, emoções, frustrações e dificuldades que lhe são pertinentes. O idoso cristão que já vivenciou experiências e que, cada dia que passa, vê a vida extinguir-se; encontra na religião um elemento importante para encarar a iminente morte.

### 2.3 A esperança

Ao mostrar os diferentes estágios vivenciados por pessoas que passaram por experiências de perda de um ente querido, podendo ser da família ou não, Kübler-Ross aponta para algo que está em todos os estágios, embora em cada um se revele de modo específico, o que vai manifestar-se de modo diferenciado nos indivíduos. Segundo Kübler-Ross a esperança é este elemento extra<sup>103</sup>.

A esperança, não só para doentes em fase terminal, mas também esperança para idosos que creem em uma vida além-túmulo. Este é um elemento essencial

---

<sup>102</sup> KÜBLER-ROSS, 1998, p. 124.

<sup>103</sup> Cf. KÜBLER-ROSS, 1998, p. 143-144.

para enfrentar a morte e o morrer. Ela não só fortalece o indivíduo diante de uma realidade na qual não se tem domínio, como também traz para os que estão próximos (familiares ou não) um conforto. O cristianismo, na sua vertente protestante, coloca esta esperança na continuidade da vida em um lugar mais seguro, belo e eterno: o lar celestial.

Perceber estes estágios em idosos é ficar atento para o modo como as igrejas preparam seus fiéis para a mais concreta realidade humana: a morte, que se faz presente na literatura religiosa desde os primórdios e é vista de modo sempre dual: como castigo pelo afastamento do Criador ou como bênção de estar eternamente com ele.

As igrejas protestantes históricas têm um discurso definido, bem fundamentado, mas que não se concretiza como uma pedagogia para a morte e o morrer. Aparece como ponto fundamental de seus ensinamentos, mas não faz parte da prática pedagógica das igrejas.

No capítulo seguinte será apresentado de forma mais contundente como os idosos de uma igreja histórica nos Estados da Bahia e Sergipe encaram esta realidade que é a morte, e como eles e suas comunidades de fé se preparam para a morte e o morrer.

### 3 A CONSCIÊNCIA DA MORTE ENTRE IDOSOS PROTESTANTES

Neste capítulo se apresentará a perspectiva de morte no protestantismo brasileiro, com o foco nos protestantes históricos, em específico a preparação para a morte e o morrer de idosos; aquilo que é chamado neste texto de pedagogia da morte. E também se apontará a dificuldade dos protestantes, mesmo crendo na ressurreição dos mortos e no paraíso celestial, em estabelecer uma preparação dialogada sobre a temática. Para isso foi realizada observação sistemática de alguns funerais de protestantes históricos, bem como entrevistas com idosos buscando compreender esta relação de expectativa-preparação. Estes dados são apresentados e analisados neste capítulo.

Foram observadas, de forma sistemática, três cerimônias fúnebres na cidade de Salvador- BA e Aracaju, entre os meses de maio de 2014 e setembro de 2015. As cerimônias foram de uma senhora de 87 anos, filha e neta de presbiterianos, fundadora de uma comunidade presbiteriana independente com mais de 70 anos de existência. O segundo, um líder religioso presbiteriano, que tinha aproximadamente 93 anos. E a última, uma senhora de 90 anos, membro de uma igreja presbiteriana independente, sendo ela uma das entrevistadas nessa pesquisa, aproximadamente um ano antes de sua morte.

Já nas entrevistas, ouviu-se 14 idosos, entre homens e mulheres com mais de dez anos de vida cristã protestante. Destes, 05 (cinco) vivem em uma comunidade na grande Salvador distante do grande centro urbano. Os demais vivem em Salvador e Aracaju, e todos são membros da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil.

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas e abertas <sup>104</sup> que, aliadas à pesquisa na literatura protestante sobre a morte e a esperança cristã, contribuiu para que se comparasse, então, a mensagem cristã sobre a morte com as falas destes

---

<sup>104</sup> “Entrevista semiestruturada é aquela que parte de certos questionamentos que são básicos, e que têm suas questões formuladas em teorias e hipóteses que interessam a pesquisa. O informante é levado pelo pesquisador de forma espontânea a responder, [...] Entrevistas Abertas não tem nenhuma estrutura, e só é diferente de uma conversa informal porque visa coletar dados para uma pesquisa.”. (MAGALHÃES FILHO, José Rômulo de; LINS JÚNIOR Daniel da Fonseca; SANTOS, Nenrod Douglas de Oliveira. *Metodologia da pesquisa sem estresse: da ideia ao trabalho final*. Salvador: Práxis Consultoria, 2015, p. 155-156).

idosos, buscando assim perceber uma aproximação ou um distanciamento entre a doutrina e a realidade vivida. O modo como enfrenta-se a morte reflete a forma de como estes idosos são preparados para esta etapa da existência. Perguntas orientadoras como: o que é a morte? A senhora (o senhor) tem medo da morte? Como a igreja tem ensinado sobre a morte? Se houvesse oportunidade de escolha, a senhora (o senhor) preferiria ficar com os seus ou ir para o “lar celestial”? Como as entrevistas foram semiestruturadas, algumas questões surgiram no decorrer das conversas. Já as entrevistas abertas a temática surgiu de forma natural e os entrevistados de forma livre colocaram suas opiniões.

A opção metodológica aqui utilizada foi de apresentar fragmentos das entrevistas logo após a exposição de uma ideia, como elemento ratificador do conceito apresentado e defendido. As categorias de análise utilizadas são aquelas que apontam para uma necessidade de se pensar uma pedagogia para morte e o morrer. Daí analisar, de forma mais específica, a questão do medo e do preparo (ensino nas comunidades religiosas).

Ao optar por este percurso metodológico, a ideia é dar voz a estes idosos a partir da experiência de cada um. Nas entrevistas, suas falas são transcritas no próprio corpo do texto apresentado, como citação direta ou indireta, mas sempre interligada a discussão geral que norteia o capítulo e, conseqüentemente, todo o texto. As entrevistas foram realizadas entre setembro de 2013 e dezembro de 2015.

### **3.1 O lugar da morte no protestantismo histórico brasileiro**

O protestantismo histórico sempre foi conhecido no Brasil por fundamentar suas doutrinas e estilo de vida nos escritos sagrados do cristianismo. Segundo Mendonça, o protestantismo é chamado de religião do livro, sendo as escrituras do Antigo e Novo Testamento a base de fé.

Os protestantes têm como postulado básico de sua fé, que a leitura da Bíblia, por si só, não somente instrui os indivíduos na religião, mas é instrumento de conversão. Além disso o próprio culto protestante exige a leitura, pois seu material litúrgico são a Bíblia e o livro de hinos<sup>105</sup>.

---

<sup>105</sup> MENDONÇA, Antônio Gouvêa de. *Celeste povir*. São Paulo: Pendão Real, 1995, p. 96-97.



Este fundamento nas escrituras sagradas do cristianismo faz com que protestantes reformados assumam como confissão de fé a perspectiva de ser esta escritura a única regra a seguir. Neste contexto religioso, abordar qualquer tema é ser levado a buscar na Bíblia a compreensão do porquê de tal comportamento; bem como, a partir do que este grupo religioso tem como fundamento, compreender o discurso e as implicações deste nos indivíduos, nos grupos orientados por este discurso.

As religiões abordam a morte de variadas maneiras, já o cristianismo, de forma específica, traz na sua concepção geral o elemento da morte. Esta religião surge na humanidade com um projeto civilizatório, e traz consigo um discurso inovador. A crença em um Messias que ressuscitou dentre os mortos passa a ser o elemento diferencial de um novo modo de fazer religião.

O cristianismo e suas mais variadas vertentes têm em comum o discurso da esperança na ressurreição dos mortos e a promessa de uma vida eterna. A partir do Século XVI, com a Reforma Protestante, a visão de estar no paraíso passa por mudanças no que se refere ao trilhar deste caminho. A salvação, expressão cristã que se refere à libertação da vida distante do Deus Criador e o resgate por este Deus do ser humano, possibilitando o ingresso na vida eterna, passa a ser não uma determinação de uma instituição, mas um ato de escolha fundamentado na experiência de cada indivíduo.

A variação religiosa determina as possibilidades do que vem pós-morte, e conduz o comportamento cultural de enfrentamento do caos, de acordo com as cosmovisões construídas, como: paraíso, viagem, destinos dos eleitos, reencarnados ou presos ao purgatório; num sentido ou noutro, são conduzidos pelos ritos fúnebres, o encaminhamento do morto. Estes, por sua vez, apresentam, a depender das orientações religiosas, práticas culturais que representam alegria ou sofrimento intenso.

### **3.1.1 A morte nas Escrituras do Cristianismo**

Com base nas Escrituras, o cristianismo crê que a morte entrou na vida da humanidade a partir da desobediência ao Deus Criador, e que o resultado dessa desobediência foi justamente a morte eterna. Porém, também através da fé, o

cristão crê em um salvador que redime a humanidade do pecado original praticado pelos pais da humanidade lá no jardim do Éden. Por esta crença, apenas o Criador, através de seu único filho, traz de volta para a vida, isto para aqueles que nele creem. Assim é relatado nos escritos bíblicos da seguinte forma:

Portanto, assim como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado, a morte, assim também a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram. [...] porque se pela ofensa de um só, morreram muitos, muito mais a graça de Deus e o dom pela graça de um só homem, Jesus Cristo, foram abundantes sobre muitos. [...] Se, pela ofensa de um e por meio de um só, reinou a morte, muito mais os que recebem a abundância da graça e o dom da justiça reinarão em vida por meio de um só, a saber, Jesus Cristo. [...] Sobreveio a lei para que avultasse a ofensa; mas onde abundou o pecado, superabundou a graça, a fim de que, como o pecado reinou pela morte, assim também reinasse a graça pela justiça para a vida eterna, mediante Jesus Cristo, nosso Senhor<sup>106</sup>.

A narrativa bíblica não se exime de registrar que a morte é uma experiência na qual todo ser humano vai passar. Fragmentos bíblicos apontam que era comum que a comunidade hebreia fizesse despedidas, como aparece no livro do Gênesis, quando o Patriarca Jacó se despede de seus filhos. No entanto, a Escritura também relata que a morte é causa de dor aos que ficam. Na sequência da narrativa da despedida de Jacó, durante seu funeral, afirma a escritura: “Então José se lançou sobre o rosto de seu pai, chorou sobre ele e o beijou”<sup>107</sup>.

Segundo Grelot<sup>108</sup>, a Bíblia não deixa de expor que este é o fim de todo ser humano. É diante desta realidade que mulher e homem personificaram a morte, criando figuras como a do “pastor fúnebre” que recolhe os homens aos infernos; o “ceifeiro de crianças”; o “anjo exterminador” etc. “A morte e o sheôl não são, portanto, apenas realidades do além; são potências em ação aqui na terra; é infeliz quem cai nas suas garras! Que é, enfim, a vida senão uma luta angustiada do homem às voltas com a morte?”<sup>109</sup>.

Para o hebreu bíblico, a morte era uma “perda de forças, uma inanição, o fim de toda vitalidade”<sup>110</sup>. Foi a influência helenista que trouxe para os escritos judaicos

<sup>106</sup> Romanos 5,12; 19-21 – Almeida Revista e Atualizada

<sup>107</sup> Gênesis 50,1 - Almeida Revista e Atualizada

<sup>108</sup> GRELOT, Pierre. Morte. In: LEON-DUFOUR, Xavier. *Vocabulário de teologia*. Tradução de Simão Voigt. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1977, p. 617.

<sup>109</sup> Cf. GRELOT, 1977, p. 618.

<sup>110</sup> NELIS, J. Morte (I). In: BORN, A. Vanden. *Dicionário enciclopédico bíblico*. Tradução de Frederico Stein. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1977, p. 1013.

a ideia de composição dual do ser humano, com um elemento material – corpo, e um espiritual – alma, colocando a morte como o meio de separação destes dois elementos humanos<sup>111</sup>.

Mesmo os escritores cristãos mantendo a perspectiva judaica de que o princípio da vida é um espírito dado por Deus, logo a vitalidade está em ter este espírito; a visão dual grega se instalou definitivamente e a morte passou a ser percebida como meio de separar a vida – o espírito, do corpo – onde o pecado reside. Sem o espírito o corpo está morto. Morte passa a ser sinônimo de maldição, de vida em pecado. É o que aponta o texto paulino ao afirmar: “o salário do pecado é a morte”<sup>112</sup>; a morte é o grande inimigo do ser humano, pois é a consequência da desobediência humana, sendo vencida pelo Messias. Daí a importância que o cristianismo dá para a morte e ressurreição de Jesus Cristo. Ele é, para o cristianismo, o que venceu o mais temido inimigo do ser humano<sup>113</sup>.

Grelot afirma que, quando o Messias assume a natureza humana, não só assume a morte como elemento de solidariedade com o ser humano pecador, mas também para reparar uma ação ocorrida no início da humanidade quando o primeiro homem, por um ato de desobediência, segundo o relato bíblico, desobedeceu à ordem divina e trouxe sobre ele e a toda sua descendência, a maldição da morte, a perda da força vital, o distanciamento do Criador<sup>114</sup>.

É o Cristo, redentor da humanidade no cristianismo, que vai se colocar como novo homem (o novo Adão), assumindo a dívida de todos os homens. No dizer de Grelot, é necessário que se morra com o Cristo para que a morte do Messias tenha eficácia:

Essa morte com Cristo é, portanto, em realidade uma morte para a morte. Quando estávamos prisioneiros do pecado, então é que éramos mortos [...]. Agora, somos vivos [...]. Como disse Cristo [...] quem nele crê, nada tem a temer da morte: embora esteja morto, há de viver (Jo. 11,25).<sup>115</sup>

O discurso cristão, baseado na leitura de sua Escritura Sagrada, coloca a esperança de receber o espírito vital, que fora privado pela desobediência humana. Ao viver a fé cristã, mulher e homem voltam a reestabelecer sua relação com o

<sup>111</sup> Cf. NELIS, 1977, p. 1013.

<sup>112</sup> Romanos 6, 23 – Almeida revista e Corrigida

<sup>113</sup> Cf. GRELOT, 1977, p. 623.

<sup>114</sup> Cf. GRELOT, 1977, p. 623.

<sup>115</sup> GRELOT, 1977, p. 624.

Criador. Todo o discurso religioso cristão se fundamenta na morte, seja do ser humano, seja do Messias, que aceita passar por esta experiência para garantir este restabelecimento de relação entre o Criador e o ser humano.

A morte assume o sentido de transição de estágios. Isto é, a desobediência da humanidade que leva à morte, separação do Criador, distanciamento da vida que está no Deus que sopra nas narinas do ser humano o espírito vital.

O pecado inaugura o primeiro estágio da morte humana. Para sair desta condição de ser separado do Criador, é necessário que uma morte ocorra. Na narrativa bíblica, segundo a tradição judaica, é a morte de um animal que estabelece um paliativo entre a humanidade e o Deus do povo. Mas apenas como prenúncio da morte do Cordeiro de Deus, o filho enviado para resgatar a humanidade da condição de afastados de Deus (mortos no sentido de distantes do Criador).

Este é outro estágio ou sentido que a morte assume no cristianismo. Mas não é o último. Afinal, a não compreensão desta ação do Criador pode afastar o ser humano definitivamente do doador da vida: trata-se da morte eterna. É esta morte que o cristão receia. A morte assume um papel importante na história do cristianismo, sendo elemento influenciador de comportamentos daqueles que abraçam esta fé.

### **3.1.2 A morte e morrer entre os protestantes históricos – análise do rito fúnebre**

Segundo o texto bíblico, fé é “a certeza de coisas que se esperam, a convicção de fatos que se não veem”<sup>116</sup>; assim sendo tudo que se refere a Cristo e suas ações estão no campo da fé. E fé aparece como expectativa, como combustível para mover os comportamentos, para direcionar ações e alimentar a esperança.

A esperança é elemento central da fé cristã. Então o fundamento da esperança cristã é a certeza de que Jesus Cristo morreu pela desobediência da humanidade — chamada de pecado pelo cristianismo — e ressuscitou. Na morte, Jesus de Nazaré assume o débito que a humanidade tinha com seu Criador e na

---

<sup>116</sup> Hebreus 11,1 – Almeida Revista e Atualizada

ressurreição ele revela seu poder sobre o que é mistério para a humanidade: a morte.

A morte é uma das condições inevitáveis da existência humana, e é o destino de todos os seres humanos <sup>117</sup>. A esperança cristã, fundamentada na fé é a certeza de que Jesus de Nazaré venceu este inimigo e possibilita ao ser humano a reconciliação com o Criador. Assim, o cristianismo aparece como religião da esperança e toda a sua prática é para divulgar esta mensagem: Jesus Cristo morreu no lugar de homens e mulheres e venceu a morte. Os ritos cristãos trazem esta mensagem.

Os ritos de iniciação na fé, como o batismo, são percebidos no cristianismo protestante como um símbolo de morte da velha vida, como acesso à igreja e de uma nova aliança com Deus <sup>118</sup>. Beasley-Murray diz que “o batismo é o grande sinal do Novo Testamento [...]. A água declara que nosso pecado está sendo lavado, que somos identificados com Jesus, que morreu para o mal e ressuscitou para uma nova vida [...]”. <sup>119</sup>

A mensagem cristã é de esperança. Também no rito de despedida, a mensagem de esperança é evocada. Souto e Magalhães Filho afirmam que:

Neste sentido, durante os ritos de morte no cristianismo, o clérigo usa das Escrituras como elemento de consolo para os familiares sedentos de ouvir uma palavra de conforto. O cristianismo como religião da esperança, como religião que vence o desconhecido, traz em seu discurso o conforto esperado. Conforto não só em relação ao que partiu, mas também em relação aos ouvintes do discurso, pois não devem temer à morte. A vida deles está garantida pela vitória de Cristo, mas cabe-lhes cuidar desta vida. Vida eterna no cristianismo, não só significa a duração sem fim, mas plenitude da salvação que ainda deve revelar-se <sup>120</sup>.

Ritos são símbolos e remetem à cultura do grupo social. Ritos são também elementos coercitivos, pois se espera que na realização dos mesmos, os membros do grupo reproduzam códigos e se conduzam conforme estabelecido, mantendo a unidade. As mensagens de esperança nos ritos de morte cumprem uma função social: manter a unidade do grupo.

<sup>117</sup> Cf. SCHMITT, 1988.

<sup>118</sup> Cf. CAREY, George. Descobrimos a fé. In: KEELEY, Robin (org). *Fundamentos da teologia cristã*. São Paulo: Vida, 2000, p. 226-238.

<sup>119</sup> BEASLEY-MURRAY, Paul. Os bebês devem ser batizados. In: KEELEY, Robin (org). *Fundamentos da teologia cristã*. São Paulo: Vida, 2000, p. 236.

<sup>120</sup> SOUTO E MAGALHÃES FILHO, 2014, p. 24.

Os manuais de ofício religiosos dos protestantes trazem orientações para os clérigos de como proceder a um rito fúnebre. As mais variadas denominações protestantes desenvolveram seus manuais, que se diferenciam uns dos outros em poucas coisas. Os textos indicados, o discurso de esperança e consolo, o aproveitar da situação para levar o ouvinte a refletir na sua condição de ser humano pecador são a base destes manuais. Aqui se reproduz alguns exemplos. Primeiramente com um manual produzido por uma editora de fundamento batista e que é apresentado como sendo interdenominacional:

Tão logo o ministro receba a notícia da morte de um membro de sua igreja, deverá ir imediatamente ao lar do falecido para oferecer sua ajuda e consolo espiritual aos parentes. [...]O culto fúnebre é uma oportunidade digna da maior consideração e meditação, ideal para se levar a um público heterogêneo a mensagem de esperança e salvação no Senhor Jesus Cristo. Mas isto deve ser feito com a sensibilidade que a ocasião requer [...] <sup>121</sup>.

Outro exemplo vem de uma denominação histórica (a Igreja Presbiteriana Independente do Brasil) e traz a seguinte orientação:

O funeral cristão é um culto a Deus, e como tal, deve ser dirigido ao Senhor da vida. Toda ênfase do culto deve ser dada ao louvor de Deus pelo fato da ressurreição de Cristo, através da qual temos a vida eterna, e não louvor da pessoa falecida. Deve incluir a proclamação da Palavra, centrada na ressurreição para a vida eterna, é feita pelo oficiante, evitando que a ocasião seja transformada em necrológico por uma série de oradores <sup>122</sup>.

O que se percebe nas duas orientações é a visão do rito fúnebre para os protestantes, independente da orientação denominacional. A proclamação da Palavra, coma ênfase na “ressurreição para a vida eterna”, ou de “esperança e salvação”. Pois,

A morte é um ganho para os crentes, porque estarão mais perto de Cristo. Esta esperança não é movida por escapismo ou rejeição à vida, mas trata-se de um anelo real de uma existência eterna com Deus, na qual ele enxugará toda lágrima e extirpará toda dor <sup>123</sup>.

<sup>121</sup> MANUAL DO MINISTRO. São Paulo: Editora Vida, 2001, p. 66.

<sup>122</sup> IGREJA PRESBITERIANA INDEPENDENTE DO BRASIL. *Manual de culto*. 2 ed. rev. São Paulo: Pendão Real, 2006, p. 85.

<sup>123</sup> SOUTO E MAGALHÃES FILHO, 2014, p. 27.



O consolo vem não só com a palavra de esperança, mas como a última oportunidade que se tem de usar sua vida como testemunho da mensagem de esperança oriunda da fé que professou.

A pesquisa realizada percebeu que, mesmo sendo a mensagem baseada na esperança, comum em todo cristianismo, e que os manuais tragam orientações próximas, incluindo os mesmos textos bíblicos para reflexão, a prática ritualística tem se mostrado diferente.

As igrejas protestantes chegaram ao Brasil na segunda metade do Século XIX com o objetivo de fazer do Brasil uma nação protestante, com foco na Educação, na proclamação do Evangelho e trazendo consigo uma abordagem mais intelectualizada. Os ramos congregacionais, presbiterianos e batistas chegaram e se encontraram nas terras brasileiras um campo fértil para implementação de suas ideias.

Um discurso mais moral, intelectualizado e liberal, permitiu que este segmento cristão alcançasse sucesso entre uma classe economicamente mais estável. A conversão da população de renda inferior se dava muitas vezes pela aceitação da nova religião, de seus chefes e proprietários das terras onde trabalhavam.

A formação dos líderes religiosos é marca do protestantismo histórico. Sempre houve a preocupação com uma formação teológica específica. Esta formação vai se refletir nos cultos, na forma como o discurso é proferido, na mensagem transmitida, inclusive nas canções que são usadas em suas celebrações e ritos religiosos.

A música sempre foi elemento importante no cristianismo, em especial no protestantismo; entretanto o protestantismo brasileiro não produziu uma hinologia rica. Segundo Dolghie, a beleza e harmonia da hinologia protestante no Brasil assumiu outra forma, hoje dentro daquilo que é chamado “mundo evangélico” ou “gospel”, a maioria de seus hinos é pobre em letra e música. Afirma:

O protestantismo mundial gerou infinitas possibilidades de produção musical, que colaboraram com o campo da estética musical. As contribuições do protestantismo se deram tanto no contexto erudito como no popular. As cantatas, os corais, os prelúdios e os hinos são alguns exemplos dessa produção. Entretanto, curiosamente no meio protestante brasileiro a música despertou poucos cuidados e atenção até quase recentemente. Ao contrário do que aconteceu na Reforma protestante, aqui

no Brasil não houve uma devida importância à hinologia, nem em relação à preparação prática, nem em relação às questões teóricas<sup>124</sup>.

Isto pode ser percebido facilmente na música evangélica atual, onde a preocupação é apenas relatar uma experiência imediata do seu autor ou de alguma comunidade de fé específica. A presença destas músicas tem afastado das igrejas hinos clássicos que fazem parte da hinologia protestante. Peixoto faz uma análise comparativa entre os hinos clássicos que fizeram parte da hinologia tradicional das Assembleias de Deus e os cânticos atuais que passam a ocupar o lugar destes hinos.<sup>125</sup>

A hinologia protestante histórica, preocupada em manter uma coerência teológica, produziu hinos que traduziam um corpo doutrinário. O Hinário *Cantai Todos os Povos*, editado pela Igreja Presbiteriana Independente do Brasil (2006) traz uma coletânea destes hinos. O Hino de número 368, escrito em 1913 diz:

Rude Cruz se erigiu, dela o dia fugiu, como emblema de afronta e de dor.  
Mas eu amo essa cruz, porque nela Jesus deu a vida por mim pecador.  
Sim, eu sempre amarei essa cruz! Seu triunfo meu gozo será, pois um dia  
em lugar dessa cruz, a coroa Jesus me dará! Desde a glória dos céus, o  
cordeiro de Deus ao calvário humilhante baixou; tem a cruz pra mim  
atrativos sem fim, porque nela Jesus me salvou<sup>126</sup>.

A referência à Cruz, ao sofrimento de Jesus e à esperança de um prêmio na eternidade, reflete a esperança, característica básica da mensagem cristã. A teologia cristã se faz presente. É uma experiência individual, mas se revela coletivamente, pois ser cristão é viver na comunidade daqueles que vivenciaram a mesma experiência.

Em uma música evangélica atual chamada *Esperança*, um dos conjuntos de maior penetração nas igrejas evangélicas diz o seguinte:

<sup>124</sup> DOLGHIE Jacqueline Ziroldo. Um estudo sobre a formação da hinódia protestante brasileira. *Âncora - Revista Digital de Estudos em Religião*, v1, mai. 2006, p. 83-106. São Paulo. Disponível em: <[http://www.revistaancora.com.br/revista\\_1/02.pdf](http://www.revistaancora.com.br/revista_1/02.pdf)>. Acesso em: 4 mai. 2015, p. 83.

<sup>125</sup> PEIXOTO, Esdras Gusmão de Holanda. Pentecostalismo e imaginário: rupturas e continuidades na hinologia pentecostal na passagem da modernidade para a pós-modernidade, 2008. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) Universidade Católica de Pernambuco, 2008. Disponível em: <[http://www.unicap.br/tede//tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=388](http://www.unicap.br/tede//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=388)>. Acesso em: 04 mai. 2015, p. 116-118.

<sup>126</sup> IGREJA PRESBITERIANA INDEPENDENTE DO BRASIL. *Cantai todos os povos*. 2 ed. rev. São Paulo: Pendão Real, 2006, [s.p.].

Quando estou só, E o choro parece querer chegar.  
 E um sentimento de temor. Como será o amanhã que eu não vejo e quer  
 me assustar? Oh, meu Deus! Ajuda-me a confiar.  
 Quando as feridas do meu coração não querem sarar. E me atrapalham a  
 visão. Tuas promessas são tão grandes e as lutas querem me esmagar Oh,  
 meu Deus! Ajuda-me a avançar<sup>127</sup>.

O que esta música reflete é exatamente o conceito de esperança que se limita à solução de uma realidade iminente; de uma dor que precisa ser sanada imediatamente. Deus é assim anunciado como um solucionador de problemas. Deus ajuda a avançar. Não há referência às bases do cristianismo, nem à centralidade da mensagem cristã.

Nos funerais observados, a hinologia utilizada seguiu o rito do protestantismo clássico. Músicas com letras que apontam para a esperança, mas uma esperança a partir de uma ação divina. A música apareceu como elemento de conforto e de testemunho para aqueles que se faziam presente, conforme orientação de um dos manuais de culto citados acima. O foco da celebração é o culto ao Criador. O testemunho do morto, sua vida e agora sua morte devem levar as pessoas a esta compreensão. A música como elemento estético do rito fúnebre é encarregada de fazer esta ponte.

Como já apontado anteriormente, os manuais de orientação a pastores e líderes protestantes são semelhantes no que se refere à cerimônia fúnebre. A orientação é que a cerimônia seja no templo religioso ou em um local adequado para tal, e que também no cemitério a presença do oficiante deve acontecer.

Nas observações feitas para esta pesquisa os funerais foram realizados no templo de suas igrejas. Isso revela a necessidade de se despedir daquele que de alguma forma foi importante para aquela comunidade. A cerimônia, em todos os casos, foi presidida pelo ministro religioso que acompanhava o morto em seus últimos dias. As mensagens focaram a esperança cristã e como em vida a fé daquele que partira foi vivida.

Os hinos recordavam a fé e falavam da esperança cristã presente na experiência da ressurreição do Cristo. Os hinos apareceram no rito como elemento harmonioso e acalentador para os que estavam ali prestando homenagem àqueles que haviam partido.

---

<sup>127</sup> Cf. DIANTE DO TRONO. *Esperança*. Belo Horizonte: Diante do Trono, 2001, 1CD.

Em todos os sepultamentos observados as pessoas eram idosas, as falas do ministro e as poucas falas que foram oportunizadas ao público presente não exaltavam a vida do morto, mas destacavam a experiência de fé do mesmo. Uma das falas trazidas no sepultamento da senhora de 87 anos foi a de um senhor que aproveitou o momento e chamou as pessoas a experimentarem viver a mesma fé daquela que havia partido.

No cemitério as cerimônias foram rápidas e os hinos, voltados à fé e esperança cristã, foram o rumo das ações dos oficiantes. Falas curtas e destacando a ação do Criador na vida dos que partiram.

Observou-se que protestantes históricos, preocupados em manter sua teologia e usar a oportunidade para anunciar aquilo que creem, usam a música para consolar e anunciar sua fé. Isso mantém, mesmo com o elemento consolador no discurso, uma hinologia antiga, distante da realidade da população; que tem beleza estética, poesia e teologia, mas falta realidade.

Diz o hino

Junto ao Trono de Deus preparado há, cristão um lugar para ti; há perfumes, há gozo exaltado, há delícias profusas ali. Sim, ali, sim, ali, de seus anjos fiéis rodeados, numa esfera de glória e de luz, junto a Deus nos espera Jesus [...] Se quisermos gozar da ventura que no belo país haverá, é somente pedir de alma pura, que de graça Jesus nos dará, pois ali, pois ali, todo cheio de amor de ternura, desse amor revelado na cruz, nos escuta, nos ouve Jesus<sup>128</sup>.

Ou ainda,

Da linda pátria estou bem longe, cansado estou. Eu tenho de Jesus saudade: quando será que vou? Passarinhos, belas flores querem me encantar. Oh! Vãos terrestres esplendores! De longe enxergo o lar. De Cristo tenho aqui promessa: Vem me buscar. Meu coração está com pressa; eu quero já voar<sup>129</sup>.

Poesia, rima e teologia (o cristão vai para a eternidade, salvação pela graça, sem mérito humano. Segunda vinda de Jesus, retorno da alma para Deus) são elementos desta hinologia; no entanto há uma distância com a vida real desse cristão. Os familiares que necessitam ser consolados não conseguem ter um elemento concreto para minimizar a dor da perda, quando observada só a música.

<sup>128</sup> Cf. IGREJA PRESBITERIANA INDEPENDENTE DO BRASIL, 2006. Hino 402. [s.p.].

<sup>129</sup> Cf. IGREJA PRESBITERIANA INDEPENDENTE DO BRASIL, 2006. Hino 159. [s.p.].

A esperança do cristão protestante está na morte e ressurreição daquele que ele assume como seu Senhor. Este fundamento da esperança, alimentado pela fé, não pode ser distante, só percebida na vida além-túmulo. O consolo deve se fazer real. Não cabe o Cristo vivo como um ser distante. Neste sentido, a comunidade de fé é o meio de alimentar a esperança.

Por isso a necessidade de pensar, refletir sobre realidade presente que é a morte. É necessário que o rito seja vivido na sua completude. Da preparação para a morte, ao velar o corpo, passando pela cerimônia fúnebre, o enterro e o luto. Inclusive a hinologia pode servir de elemento pedagógico neste processo de enfrentamento da morte.

### **3.2 O Reino de Deus está próximo, mas pode esperar um pouco**

O protestantismo traz na sua história muitas divisões, o que resultou em muitos ramos desta corrente do cristianismo. Entretanto, neste trabalho, optou-se por estudar a perspectiva de morte e do morrer a partir do chamado de “protestantismo de missão”<sup>130</sup>, que se refere às igrejas que chegaram ao Brasil ainda no Século XIX, com o intuito de transmitir ao povo brasileiro a mensagem cristã.

Diante desta realidade, alguns questionamentos surgiram: qual a expectativa de idosos cristãos das igrejas protestantes históricas brasileiras diante da morte? Qual a relação entre o discurso teológico e a vivência destes cristãos? Discutir estas questões é o que a pesquisa que ora se apresenta se propôs.

A religião como elemento coercitivo, impõe aos seus seguidores um comportamento padrão, sendo também aquela que pode melhor preparar as pessoas para esta realidade. Espera-se que o cristão tenha uma posição sobre a morte, coerente com o conjunto de crenças de determinada religião. No entanto, diante da realidade da morte, idosos vivem uma situação de conflito. Expressar sentimentos de acordo com os ensinamentos da religião ou manifestar suas

---

<sup>130</sup> Entende-se por protestantismo de missão, ou de conversão, aquelas comunidades protestantes oriundas de missões evangelizadoras, na sua maioria vinda dos Estados Unidos da América, que chegaram no Brasil na segunda metade do Século XIX. Cf. MENDONÇA, 2005, p. 52-53 e ZABATIERO, 2008.

angústias diante do desconhecido. Este é um desafio para o protestantismo como religião que se baseia na esperança.

### 3.2.1 O envelhecimento da população

Segundo o Estatuto do Idoso, há de se considerar como idoso ou idosa, a pessoa que tem a partir de sessenta anos de idade. O Estatuto do Idoso, legislação específica do Estado Brasileiro assim declara:

Art. 1º É instituído o Estatuto do Idoso, destinado a regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos.

Art. 2º O idoso goza de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhe, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, para preservação de sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade.

Art. 3º É obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária<sup>131</sup>.

O Estatuto do idoso vem como um dispositivo legal para reconhecer a importância e o valor do idoso na atualidade. Vem demonstrar que idoso não significa ser imprestável, ou melhor, improdutivo. Apesar de já ter trabalhado e lutado por sua sobrevivência durante longos anos, o idoso ainda tem muito que colaborar na existência dos demais, pois é através de suas experiências, seja de ordem profissional ou as próprias experiências de vida enquanto ser no mundo — ser que possui um raciocínio, sentimentos, ações —, que demonstram ainda possuírem um valor inestimável.

Daí o reconhecimento de alguns no sentido de respeitar e valorizar o idoso pelo quanto ainda pode produzir em ações ou até na transmissão de conhecimentos; esse é o resgate e o valor transmitido pelo Estatuto do Idoso, que além de valorizá-lo enquanto idoso, prevê seus direitos como cidadão e também os cuidados que eles

---

<sup>131</sup> BRASIL. *Estatuto do idoso*: lei federal nº 10.741, de 01 de outubro de 2003. Brasília, DF: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2004. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/l10.741.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.741.htm)>. Acesso em: 10 jul. 2013. [s.p].



necessitarão nos momentos de dificuldade, para continuarem existindo com dignidade.

Em tempos mais remotos, o idoso não possuía direito, ou melhor, não era reconhecido como pessoa, como ser produtivo e livre. Os próprios idosos se colocavam como inúteis na sociedade, pensando, pelo fato de estarem com uma idade avançada, não poderiam fazer algumas coisas, pois a idade não permitia.

Hoje o pensamento do idoso tem mudado e, por conta disso, tem praticado mais exercícios físicos, esportes dos mais variados possíveis, tem buscado uma alimentação mais equilibrada e as questões emocionais são trabalhadas no sentido de amenizar situações como o abandono dos filhos, dos parentes aos que não tiveram filhos, separação matrimonial, enfim, questões antes não levadas em consideração.

Estes elementos proporcionam assim um aumento na perspectiva de vida dos idosos, dando uma significação diferenciada tanto no aspecto cultural como no aspecto psicossocial, o qual não anula o grau de desinteresse da sociedade, ainda existente, em efetivar as ações sociopolíticas e culturais que permeiam a velhice.

Envelhecer é um processo constituído de elementos intrinsecamente relacionados. Este processo dinâmico envolve modificações no corpo e nas relações sociais. Todas estas modificações apontam para perdas ao indivíduo que envelhece. Perdas de adaptação ao meio ambiente, perdas de relacionamentos, perda da saúde. Esta condição coloca o idoso como ser vulnerável, aumentando a incidência de doenças que causam a morte. A morte é uma realidade imanente na vida do idoso. É através então do reconhecimento e da valorização do idoso que se proporciona uma velhice adequada, com direitos efetivados e respeitados, o que leva a uma vida longa, mas com qualidade.

### **3.2.2 A morte como o início de uma nova vida: o discurso na prática**

Doutrina é o conjunto de ensinamentos que se baseia num sistema de crenças. No cristianismo, uma das doutrinas básicas é da ressurreição. É esta crença que alimenta a esperança de todo o cristão. Segundo as Escrituras, Jesus de Nazaré, ao falar da ressurreição, disse:

Em verdade, em verdade vos digo que vem a hora, e agora é, em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus, e os que a ouvirem viverão. Porque, como o Pai tem a vida em si mesmo, assim deu também ao Filho ter a vida em si mesmo; E deu-lhe o poder de exercer o juízo, porque é o Filho do homem. Não vos maravilheis disto; porque vem a hora em que todos os que estão nos sepulcros ouvirão a sua voz<sup>132</sup>.

Já na sistematização da doutrina cristã, encontra-se a seguinte afirmação:

Ora, se se prega que Cristo ressuscitou dentre os mortos, como dizem alguns dentre vós que não há ressurreição de mortos? E, se não há ressurreição de mortos, também Cristo não ressuscitou. E, se Cristo não ressuscitou, logo é vã a nossa pregação, e também é vã a vossa fé. E assim somos também considerados como falsas testemunhas de Deus, pois testificamos de Deus, que ressuscitou a Cristo, ao qual, porém, não ressuscitou se, na verdade, os mortos não ressuscitam. Porque, se os mortos não ressuscitaram também Cristo não ressuscitou. E, se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé [...] Se esperamos em Cristo só nesta vida, somos os mais miseráveis de todos os homens<sup>133</sup>.

Partindo da doutrina da ressurreição onde o cristão baseia sua fé, esse trabalho foi desenvolvido. A conversa com idosos teve como base a referida doutrina. Pois a mesma trata a morte como o início de outra vida, melhor e sem pecado, na concepção cristã. E esse é o ápice da vida do cristão.

Para os cristãos de todas as ramificações, a morte é sinônimo de separação eterna do Deus Criador e doador da vida. No texto sagrado cristão, a Bíblia, a morte é apresentada como consequência de uma vida de pecado (ato de desobediência a Deus). O ser humano que passa a viver a autoridade do Cristo, o Deus que se fez carne, habitou no meio da humanidade, morreu e ressuscitou, vencendo a morte, tem a oportunidade de viver na presença do Criador eternamente<sup>134</sup>.

Em orientação doutrinária sobre a morte, a Igreja Presbiteriana Independente afirma que: “Os cristãos reconhecem que a morte é inevitável. Diante da morte eles testemunham que Deus, em Jesus Cristo, venceu a morte e levanta seus filhos da morte para a vida eterna”<sup>135</sup>. O que claramente aponta para a ideia de uma vida *post mortem*, que vai culminar na ressurreição dos cristãos para o reinado

<sup>132</sup> João 5, 25-28. Almeida Revista e Atualizada

<sup>133</sup> 1Coríntios 15, 12-22. Almeida Revista e Atualizada

<sup>134</sup> MAGALHÃES FILHO, José Rômulo de; MAGALHÃES, Jailza Silva Santos. O canto da esperança: uma análise da hinologia nos cultos fúnebres. In: ECCO, Clóvis et. al. (orgs). *Transformação social, economia e literatura sagrada*. São Leopoldo: Oikos; Goiânia: Editora da PUC Goiás, 2012, p. 139-140.

<sup>135</sup> IGREJA PRESBITERIANA INDEPENDENTE DO BRASIL, 2008, p. 33.

eterno de Cristo. A esperança na ressurreição é o ponto central de toda doutrina cristã. Para o cristão, “a morte é vista como um sono do qual o crente ‘acorda’ na agradável luz matinal do céu”<sup>136</sup>. Sono, mas também passamento, passagem para a vida eterna.

Os idosos ouvidos afirmam crer pela fé em Jesus Cristo que, após a morte da matéria (o corpo), o Espírito vai encontrar-se com Deus para uma vida eterna, mostrando a alegria de ir para a glória (eternidade), porém, apesar de crer nisto, a morte é um mistério que eles não sabem ao certo como vai ser, e a igreja, de um modo geral, não trata dessa questão. O que a igreja ensina, de modo geral, é com relação à morte eterna, que está ligado diretamente a quem não aceita a Jesus como seu Salvador.

As entrevistas vão de encontro a esta ideia. Ao perguntar se eles gostariam de ficar com os seus, se pudessem escolher, a resposta foi que sim. Mas, se não ficassem velhos. “se pudesse ficar aqui com vida e não ficasse velha!”<sup>137</sup>. Uma entrevistada, que tem 64 anos, afirmou: “Peço sempre a Deus que se for para ficar em cima de uma cama que ele me leve, não quero dar trabalho a ninguém”<sup>138</sup>.

Através dos depoimentos percebeu-se então o quanto se desconhece sobre a morte e que as igrejas não tratam deste assunto. A afirmação dos idosos sobre o que sabiam sobre a morte é o que eles leem na Bíblia e pela fé que têm na vida eterna, onde terão uma vida melhor. Desta forma, citam vários textos bíblicos. Essa é a esperança dos idosos entrevistados, a esperança de ter uma vida eterna junto ao Pai Celestial em um lugar onde não haverá mais choro nem tristezas, nem dor; onde todos viverão eternamente.

Em sua grande maioria (80%), os idosos entrevistados disseram que a igreja em si mesma não fala de um modo concreto sobre a morte e o morrer, mas sim de forma abrangente, abrindo espaço para interpretações subjetivas; pois os ensinamentos da igreja sobre a morte estão muito ligados à ideia de pecado original; e que a morte e ressurreição de Jesus Cristo, vieram como ações de redenção deste pecado.

---

<sup>136</sup> THISELTON, Anthony. Destino. In: KEELEY, Robin (org). *Fundamentos da teologia cristã*. São Paulo: Vida, 2000, p. 283.

<sup>137</sup> Entrevistada 1.

<sup>138</sup> Entrevistada 10.

É onde se dá a salvação para a vida eterna. De certa forma é uma preparação para a morte, porém não de forma pedagógica, constante, programada; porque nesse caso a negação da morte traz uma esperança que está baseada na ressurreição da alma para a vida eterna que viverá com Deus para sempre.

A primeira entrevistada (senhora de 83 anos) afirmou não ter medo da morte, embora não saiba definir ao certo o que é este estado, também mostra o desejo de permanecer com os seus em vez de ir para a glória (expressão utilizada para se referir a morar no céu), mas com a ressalva de que, “se não ficasse velha, ou melhor, doente, sem condições de cuidar de si própria e dependendo dos outros, preferiria continuar vivendo aqui sem ter que morrer”<sup>139</sup>, mas como não há essa possibilidade, ela prefere ir para glória porque lá viverá melhor.

Outro entrevistado, este com 64 anos, afirma que a igreja não fala muito da morte. Mas, desde pequeno, aprendeu que após a morte há outra vida, “a vida eterna”. Ele não tem medo da morte, pois tem a esperança de vida melhor, porém é um mistério o morrer e, se tivesse de escolher em ir para vida eterna ou ficar, ele escolheria a vida eterna<sup>140</sup>.

A terceira entrevistada (com 70 anos) também não tem medo de morrer e prefere ir para a glória celeste. A morte, para ela, significa uma passagem de uma vida para outra vida, que é melhor. Esta é a esperança.

O discurso segue esta linha, o do não medo da morte e da esperança em uma vida melhor. De se viver eternamente com Deus faz a morte ser percebida como uma separação. “Todos vamos partir”, afirma a entrevistada 3. Esta é uma realidade próxima. Há certa alegria em pensar que vai para a glória, “pois essa esperança eu adquiri quando aceitei o Evangelho”<sup>141</sup>; é a fala de uma senhora que se converteu ao protestantismo depois de adulta.

Já uma senhora com 75 anos, nascida em uma família protestante, sente muita tristeza ao pensar na morte, pois ela se lembra dos que já foram e se pudesse escolher ela não morreria, ficaria com os seus, e até hoje sofre a morte da mãe e do

---

<sup>139</sup> Entrevistada 1.

<sup>140</sup> Entrevistado 2.

<sup>141</sup> Entrevistada 5.

marido<sup>142</sup>. Ela revela tristeza ao perceber que amigos e parentes próximos estão morrendo. A dúvida surge se será ela a próxima.

Uma das entrevistadas, a mais nova do grupo, ao se referir à morte de seu ex-marido, fez menção a não aceitação de um câncer que foi diagnosticado. A negação da morte (um dos estágios apontados por Kübler-Ross) o colocou numa condição de busca por cura, fazendo-o procurar solução para a enfermidade em igrejas neopentecostais, ele que era oriundo de uma igreja histórica. Na negação da morte, ela relata que seu ex-esposo parou de tomar os remédios, afirmando que havia uma promessa de que ele já estava curado. Por não se preparar para a morte, não aceitou a realidade<sup>143</sup>. Nesse caso, trata-se do medo de morrer somado à vontade de estar com os seus.

Estas contradições sobre o desejo de ir para a eternidade, estar com o Criador e, ao mesmo tempo, o de permanecer com os familiares e amigos, são uma constante. A ausência de ensinamento concreto nas comunidades tem deixado a reflexão sobre a morte para o campo da subjetividade. Da fé individual, da prática religiosa de cada um. As falas revelam, em alguns dos entrevistados, principalmente aqueles que têm uma escolaridade maior, um discurso mais racional, fugindo muitas vezes do relato de suas experiências e expectativas e transferindo para os textos bíblicos suas respostas. Expressões como: “a Bíblia afirma!”, “Vou citar a Bíblia”, revela a fuga da própria reflexão, o medo de vivenciar realidades.

Um entrevistado com 65 anos afirma que existe uma preocupação sobre a morte, mas existe também a esperança de se encontrar com Deus; é isso que conforta, e mesmo sem ser uma coisa boa, por intermédio dessa esperança é que se suporta o fato de que todos irão morrer. É “menos doloroso” esperar por algo que não se conhece. “A Bíblia é que fala sobre essa esperança de que se encontrará com Deus”<sup>144</sup>. A morte para ele é algo desconhecido, é o fim desta vida para o começo de outra vida. É uma parte da nossa existência, não tem medo, mas amedronta-o pensar nela, pois deixará os seus aqui. Em suas palavras:

Ninguém pensa em morrer, mas é algo que ninguém escapará. Assusta-se, pois não sabe como será lá. Escolheria ficar aqui até o momento de ser

---

<sup>142</sup> Entrevistada 6.

<sup>143</sup> Entrevistada 4.

<sup>144</sup> Entrevistado 9.

suportável [...] Chega um momento que não há como suportar a vida sem condições ideais [...] Pela lógica, envelheceu tem que morrer. O importante é viver aqui com saúde e tranquilidade, sem isso não adianta estar vivo. Quando o corpo não aguenta mais, o melhor mesmo é morrer<sup>145</sup>.

Sua esposa, com 64 anos, oriunda do catolicismo, mas com mais de 25 anos de protestantismo, afirma que a igreja fala pouco sobre a morte, mas com a leitura da Bíblia é que se tem conhecimento sobre o que é a morte; é o que a conforta. Pela fé acredita que há outra vida após a morte, melhor que essa. A morte, para ela, é uma passagem. Semelhantemente a seu esposo, assusta-se com a morte, porém com a dos seus entes queridos, incluindo os filhos e não com a própria morte. Escolheria viver aqui com os seus, mas enquanto estiver lúcida: “mas, quando ficar em cima de uma cama, o melhor é morrer. Peço sempre a Deus que, se for para ficar em cima de uma cama, que ele me leve, não quero dar trabalho a ninguém”<sup>146</sup>.

Na conversa com um senhor de 86 anos, foi por ele dito que a igreja conscientiza de que a morte é uma passagem de um estado para outro melhor. E isso o conforta. Não tem medo da morte. “A morte, segundo a Bíblia, é a passagem dessa vida para outra vida melhor, a eternidade”<sup>147</sup>. Escolheria ir para o “paraíso” em sua fala afirmou:

[ir para o] Paraíso celestial, porque lá é para sempre e tudo etc. [...] Houve uma época que a morte me trazia preocupação, deixar a mulher responsável pelos filhos, mas hoje, os filhos todos são responsáveis por si próprio, então não tenho nenhuma preocupação, a mulher fica com os filhos. Nenhuma preocupação<sup>148</sup>.

Um dos entrevistados do sexo masculino, com menor idade e formação (inclusive teológica), líder em sua igreja (62 anos), disse que, para ele, a morte é uma incógnita, pelo desconhecido; mas as pessoas que conhecem a palavra de Deus (a Bíblia) não devem temer, pois não têm como fugir dela, não há uma perenidade aqui, porém existe uma esperança de após a morte encontrar com Deus.

149

---

<sup>145</sup> Entrevistado 9.

<sup>146</sup> Entrevistada 10.

<sup>147</sup> Entrevistado 7.

<sup>148</sup> Entrevistado 7.

<sup>149</sup> Entrevistado 11.



Mesmo com a separação como um fator importante a ser pensado, ele não se assusta diante da morte, mas como pai, como homem, gostaria de partir quando estivessem resolvidas as demandas aqui, isto é, ver seus filhos encaminhados. Porém, se assim não o for, ele confia em Deus que irá feliz para glória encontrar o Pai Celestial. E assim, na sua fala, ele faz referência à Bíblia como elemento de conforto.

### 3.3 A expectativa da morte

Os entrevistados que vivem distantes de um grande centro urbano têm mais desejo de ir para a eternidade, revelando certa solidão, e o encontro com o Criador é fator de consolo. Já os que vivem em uma metrópole, pensam mais nos seus, pois estão, de algum modo, mais preocupados com a sobrevivência deles.

Uma das conversas foi com duas mulheres, uma com 65 anos e outra com 63 anos de idade, ambas com formação superior e com vivência eclesiástica desde a infância. Uma delas casada com um líder religioso da denominação protestante estudada, estava em estado terminal (vindo a falecer alguns meses depois da entrevista)<sup>150</sup>. A conversa foi num ambiente de informalidade e descontração (entrevista aberta). Perguntadas se a conversa poderia ser gravada e usada como dado para pesquisa, as entrevistadas não se opuseram. O que já revela um processo de preparação para a morte o morrer. O não se excluir de falar sobre a temática.

Durante a entrevista assuntos variados foram tratados, como o modo como se é preparado nas igrejas para a morte e o morrer. Em falas distintas, ambas revelam que a preocupação com a vida eterna é o foco da pregação da igreja, mas é colocado como algo distante, não tão perto. Ensina-se que o cristão viverá com Jesus na eternidade, mas a este tempo é colocado como algo distante. Só se percebe que o morrer é concreto quando se depara com situações de tragédia ou enfermidade, sendo esse o caso da entrevistada mais nova, ao se referir à morte do pai e da mãe. A outra entrevistada segue na mesma linha de raciocínio, mas, diante

---

<sup>150</sup> Entrevistada 12.

de sua própria condição de fragilidade, percebe que a eternidade não é algo tão distante<sup>151</sup>.

O sentimento presente nas entrevistadas era de esperança. Mesmo que outros estágios já houvessem sido vividos por uma delas, a espera pela ação divina se fazia presente na entrevista. Fosse à condição de reverter àquela doença ou de uma vida além-túmulo. O medo do desconhecido, segundo as entrevistadas era superado pela esperança.

Nas entrevistas realizadas, mesmo naqueles que vivenciavam o estágio de negação da morte, demonstraram uma esperança em vida eterna. “Eu não tenho medo da morte, não é que seja *bonzão*, é porque eu tenho Jesus Cristo, essa é a esperança que eu vou vê-lo na Glória, outra coisa não dá esperança não”<sup>152</sup>. Essa foi a resposta dada diante da pergunta sobre o medo da morte, e os demais, mesmo com certo temor da morte, por não saber ao certo como será, alimentavam a esperança de uma vida melhor na “eternidade”, expressão utilizada por este grupo de cristãos para se referir à vida após à morte.

Mesmo que o cristianismo protestante confessado por estes idosos aponte para a esperança de uma vida melhor e sugira a convicção de salvação em Jesus, houve idosos, como já afirmado, que gostariam de escolher entre ficar junto aos seus filhos, para os verem se desenvolver profissionalmente, bem como ver seus netos crescerem. Certa entrevistada afirmou:

Mas, se a gente não pode ficar aqui com vida e sem envelhecer, tem que partir, então a morte é um descanso. [Eu] escolheria ficar aqui com os meus com vida e se não ficasse velha, mas na glória celestial a gente tem esperança em Deus de ter uma vida melhor<sup>153</sup>.

Possuem esperança em uma vida eternal, e se percebe, de certa forma, um sentimento resignação; mas, como já afirmado acima, a esperança surge com sinal de aceitação, pois não há como escolher o não morrer. Alternativas não existem, o que realmente se possui é a esperança em uma vida após a morte. Daí a necessidade de se crer em algo. Parece de certa forma um conformismo um tanto que forçado.

---

<sup>151</sup> Entrevistada 13.

<sup>152</sup> Entrevistado 2.

<sup>153</sup> Entrevistada 1.

O discurso de separação, por mais que seja presente na doutrina do cristianismo protestante, não faz parte do cotidiano das igrejas contemporâneas. Na verdade, a própria expectativa de vida dos idosos tem colocado os mesmos num patamar de existência que os distanciam do pensar a morte. O desejo de viver e as oportunidades que se têm no presente são superiores à reflexão sobre a morte.

Mas, como o fim da existência é algo real, como afirmado por muitos dos entrevistados: “não se pode fugir da morte”, a aproximação da mesma devido ao avanço da idade faz com que, necessariamente, se pense nesta realidade. O grande receio dos entrevistados é a incapacidade de viver; o medo não é o da morte, mas o da velhice, da doença, do peso que poderá ser para outros. No que se refere aos homens, o medo de não ver seus filhos e netos estabilizados na vida.

Isto demonstra que a igreja cristã protestante tem discurso, doutrina, fundamento para consolar sobre a questão da morte. Entretanto, a preparação para o morrer, o que de fato permite enfrentar a realidade da velhice e de suas limitações pode ser melhor discutido nas comunidades religiosas.

Observou-se em toda a pesquisa que nem todos os cristãos têm esta consciência da morte. Os idosos que não têm doenças crônicas ou terminais tratam a eternidade como algo desejado, porém distante, quase que irreal. A eternidade, o paraíso celestial está em suas falas tão distante como as histórias bíblicas. Sabem que aconteceram, mas foi em algum tempo. A vida após a morte também. Vai acontecer, mas algum dia.

A negação é o estágio mais presente nestes idosos, seguido da barganha. Nega-se por se perceber distante da morte e barganha-se quando sente-se que se perde a vitalidade. A barganha está revelada nas falas que apontam para um cuidar dos filhos e netos, bem como na possibilidade de servir mais a Deus aqui na terra — um sentimento de utilidade. Não se observou nos idosos entrevistados sentimentos como raiva ou depressão. Há pequenas expressões que poderiam apontar para uma depressão, mas todas estão completas de esperança.

A separação do ente querido ou a proximidade da separação do próprio idoso nem sempre fica bem resolvida; é importante que se discuta e se reflita sobre a realidade da morte e do morrer. É algo inerente à vida e, para poder pensar até em uma nova vida, deve-se perceber os limites e condições da existência atual.

Mesmo tendo a esperança de uma vida melhor pós-morte, alguns idosos mostram-se temerosos ao falar sobre essa realidade; ao caminhar para seus mais

de oitenta e seis anos, uma idosa que se negou a participar das entrevistas, afirmou que “não gosta de falar sobre morte”, resposta dada através de sua filha, que deixou claro o quanto sua mãe nega a própria morte. Esta senhora, a cada dia que passa, se deprime ao pressentir que sua morte está próxima. Já outros aceitam falar sobre a morte e, mesmo tendo esperança de vida pós-morte, acreditando que a Glória é o destino dos que morrem “em Cristo”, gostariam de ver seus filhos encaminhados na vida, tanto profissional como bem sucedidos no casamento e também ver seus netos crescerem. “Seria bom se Deus me concedesse esse desejo”<sup>154</sup> — em expressões como essa que observa-se a barganha com Deus.

O discurso religioso trazido pela igreja é generalizante, ideológico e direcionado. O ensinamento sobre a morte se limita à doutrina da salvação e sobre o morrer na esperança futura. O foco da religiosidade protestante tornou-se o amanhã, a vida eterna. Os idosos pensam no amanhã, se preparam para a morte, pois ela é o ponto crucial do cristianismo: o momento da eternidade. Mas deixam de lado um dos elementos chaves da existência: o morrer, que é o aprendizado da passagem, o traslado. Por isso alguns não se veem preparados para esta realidade. A negação e a barganha, mesmo que rodeados da esperança, revelam a incerteza, a fragilidade do discurso.

Na complexidade do discurso, a fala que é a combinação das frases, é que vai expressar através da linguagem o sentido do discurso. Para que um discurso venha a ser ideológico é necessário que haja uma ordenança de fala. No momento da fala surge um sistema de signos que exteriorizará as ideias. A fala transforma-se em um dado social, e isso é, segundo Fiorin, um fato psico-fisiológico do discurso. O discurso não pode ser um montante de falas desordenadas, existe uma estrutura que o norteia, chamada de sintaxe discursiva e a semântica<sup>155</sup>.

As formações sociais provêm da sintaxe, enquanto a semântica discursiva processa conteúdos sintáticos abstratos, resultando então ao longo da vida uma semântica discursiva, que pode ser de forma consciente ou inconsciente, decorrendo então em discurso ideológico.

Os discursos, em especial os religiosos, têm predominância para ser figurativos, pois todos os discursos figurativos são a materialização de um discurso

---

<sup>154</sup> Entrevistado 11.

<sup>155</sup> Cf. FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática, 2000. (Série Princípios), p. 18.

temático<sup>156</sup>, ou seja: a ideologia se manifestará através dos níveis de temas abordados.

Referindo-se às visões de mundo, Fiorin afirma que há várias formas, porém elas não estão separadas da linguagem. As ideias são reflexos da realidade vivida e experimentada; é a partir dos pensamentos expressos pela linguagem que se objetivará a realidade social<sup>157</sup>. Então, ao analisar um discurso, deve-se observar as várias facetas desse discurso, para o texto e para o contexto, de dentro e de fora, pois através das observações do discurso se poderá realmente perceber que o “homem não é senhor absoluto de seu discurso”<sup>158</sup>; afinal, é através da visão de mundo de cada ouvinte que o discurso será reconhecido e, através de cada participante social, é que se identificará a ideologia que é transmitida em um determinado discurso.

Um discurso religioso bem fundamentado não só aponta para a esperança da eternidade, mas prepara para o morrer. Mostra que a vida terrena tem sentido, pois é o tempo de realizar o que o Criador pensou para o ser humano: cuidar da terra e do outro. O cristianismo como religião da palavra escrita e falada pode ser o meio pelo qual mulheres e homens, idosos ou não se sintam mais preparados para enfrentar a realidade que todo e qualquer ser humano vai passar.

---

<sup>156</sup> FIORIN, 2000, p. 52-53.

<sup>157</sup> FIORIN, 2000, p. 26.

<sup>158</sup> FIORIN, 2000, p. 77.

## CONCLUSÃO

A temática aqui proposta e discutida é abrangente. Foram observados idosos do protestantismo histórico. Outros grupos podem ser observados e estudados. Como os pentecostais e neopentecostais reagem a esta realidade? E os jovens cristãos conseguem de alguma forma trazer esta discussão para sua realidade? Mulheres e homens pensam de forma diferente sobre a morte? Muitos são os desafios que se apresentam com a temática. Trazer a discussão para o espaço acadêmico é a porta de entrada para ampliar o debate e provocar estudiosos para procurar o fenômeno da morte e do morrer.

A pesquisa realizada apontou para uma realidade presente nas igrejas protestantes históricas do Nordeste brasileiro, que é a preparação ou não de idosos para a morte e o morrer. O discurso cristão é recheado de doutrinas, textos bíblicos, poesias, hinos que tratam da questão; entretanto algumas pessoas não estão prontas para discutir o assunto. O modo como estes enfrentam a morte e tratam da temática, reflete de alguma forma os mesmos estágios observado por Kübler-Ross.

Como discutido no decorrer do texto, a religião é coercitiva. Estar vivendo a fé cristã dentro do protestantismo é ser submetido a códigos de conduta próprios. O ensinamento protestante da Escritura Sagrada como regra de fé, princípio que fundamenta o protestantismo histórico no Brasil, impõe ao cristão comportamentos e aceitação do discurso. A socialização vivida, o modo como se é inserido no grupo social e como se é aceito, coloca o indivíduo na condição de alguém que deve cumprir regras específicas e se comportar conforme o esperado.

Meneses reconhece a religião como elemento indissociável de um todo, e aponta para um sistema que apresenta uma unidade. Esse todo é a sociedade<sup>159</sup>. A religião aparece como elemento coercitivo que estabelece certa ordem geral às experiências que seus membros vivem. “O que seria a religião experimentada no cotidiano das pessoas, e que, segundo os seus atores, têm proporcionado sentido à vida?”<sup>160</sup>.

---

<sup>159</sup> MENESES, Jonatas. Pentecostanismos e os rituais de cura divina. Aracaju: Editora UFS, 2008, p. 47.

<sup>160</sup> MENESES, 2008, p. 48.



Mas a religião não pode ser resumida a aspectos da experiência, ela é parte importante em um processo de compreensão da realidade social, pois “age como instrumento sistematizador daquilo que é ensinado aos indivíduos em suas relações sociais”<sup>161</sup>. A religião é fato social como já afirmado. Indivíduos aprendem a viver na coletividade por meio da religião. Expressam seus sentimentos e manifestam seus desejos nas práticas religiosas. Desejos, sentimentos direcionados pela própria religião.

Vivenciar as experiências coletivas, assumindo-as como parte da própria pessoa, fazer dessa experiência a própria experiência, é fundamental para se viver de forma harmônica no grupo. Pensar a morte através da perspectiva religiosa do grupo social, é projetar a experiência pessoal da morte a partir da experiência do coletivo. Isso dá sentido à existência e dilui incertezas pessoais, na certeza coletiva. Religião e morte aparecem como elementos socializadores dos indivíduos.

A história mostra que o ser humano sempre buscou de alguma forma conviver com este elemento. O modo como tratou a temática revela este diálogo constante. Medo, angústia, respeito, ansiedade, expectativa, esperança são sentimentos que alimentam este imaginário humano diante da morte.

O cristianismo, como religião não fugiu à regra. Traz no seu discurso central a temática, e dialoga sobre os caminhos possíveis para a vida além-túmulo. Seu corpo doutrinário (católico ou protestante) tem como fundamento a ressurreição do Cristo e a vida eterna no paraíso celestial. Esta mensagem enche de esperança o fiel cristão, permitindo superar as perdas que a morte promove no seio da vida coletiva. Eis o discurso coercivo da religião. A projeção da experiência pessoal com base no coletivo, minimiza a dor da perda.

Esta dissertação partiu de alguns questionamentos, dentre eles: qual a expectativa de idosos membros de uma igreja protestante histórica na relação morte x esperança pós-morte, presente no discurso religioso de sua comunidade de fé? E como os idosos protestantes têm percebido a morte, bem como se há uma preparação para a morte?

Como afirmado anteriormente, há uma esperança de vida pós-morte entre os idosos membros de igrejas protestantes históricas e esta esperança está

---

<sup>161</sup> MENESES, 2008, p. 50.

fundamentada nos escritos bíblicos que apontam para uma vida eterna. Após ouvir idosos de comunidades presbiterianas do Nordeste brasileiro, analisar cerimônias fúnebres e literatura específica destas comunidades, percebe-se que o discurso satisfaz a necessidade dos fieis, pois os mesmos na sua maioria entendem que a eternidade, ao lado do Criador é o melhor lugar para o ser humano.

Este entendimento, fruto do discurso religioso que tem como objetivo garantir coesão da comunidade, pois é interiorizado pelos seus membros, serve também de elemento consolador para os demais membros da comunidade religiosa.

A expectativa dos idosos entrevistados corrobora com a ideia de que o discurso cristão é de fato satisfatório para seus membros. Percebem a morte como a continuidade da vida cristã que abraçaram em sua existência. Entendem que a eternidade ao lado do Criador é o melhor lugar que poderiam estar. O que aprenderam na vida religiosa é suficiente para alimentar a esperança que têm.

Há momentos de barganha, quando se vêm mais próximos da morte, principalmente no que se refere aos filhos e netos, o desejo de poderem estar mais perto deles, e de alguma forma dar mais proteção. Mas isso em nenhum momento retira deles a esperança na eternidade.

O protestantismo histórico, representado nesta pesquisa por comunidades presbiterianas independentes do Nordeste brasileiro tem preparado para a morte, entretanto percebeu-se a necessidade de uma maior ênfase no cuidado com o morrer. Entendendo o morrer como o falar mais sobre a temática, não apenas a eternidade, mas o presente, cheio de limitações humanas devido à idade e o enfraquecimento do corpo. É necessário o enfretamento do medo. Este preparo é o que foi nesse trabalho chamado de pedagogias da morte e do morrer.

Uma pedagogia da morte e do morrer, como elemento socializador auxilia idosos protestantes a melhor enfrentar a realidade. Entretanto, o discurso eclesiástico não está distante da expectativa criada. O discurso tão bem formulado consegue diminuir a expectativa da morte. Sentimento este exposto através das falas aqui trazidas que revelam esperança, mas também desejo de viver mais, e sempre próximo aos seus entes queridos.

Preparar para a morte, pode parecer uma realidade dentro do cristianismo protestante, em especial entre os históricos; mas não há uma construção clara e eficiente para o morrer. O aumento da expectativa de vida e o envelhecimento da população são um desafio para comunidades cristãs do perfil aqui trabalhado.

Discutir o morrer é fortalecer o discurso da esperança presente na pregação destas comunidades. O morrer como é um conjunto de ações que se manifestam em palavras, atos, e comportamentos; e que pode ser aprendido, desenvolvido, ensinado. Daí a necessidade de uma pedagogia da morte e do morrer mais direcionada.



## REFERÊNCIAS

- ALBURQUERQUE, Eduardo Basto de. A história das religiões. In: USARSKI, Frank (Org.). *O espectro disciplinar da ciência da religião*. São Paulo: Paulinas, 2007. (Coleção repensando a religião).
- ALVES, Luiz Alberto Sousa. *Cultura religiosa: caminhos para a construção do conhecimento*. Curitiba: IBPEX, 2009.
- ALVES, Robson Medeiros. *A intuição e a mística do agir religioso: a partir de Henri Bergson*. São Paulo: Edições Loyola, 2003.
- ARIÈS, Phillippe. *História da morte no ocidente*. São Paulo: Saraiva, 2012. (Coleção Saraiva de Bolso).
- BASSO, Lissia Ana; WAINER, Ricardo. Luto e perdas repentinas: contribuições da Terapia Cognitivo-Comportamental. *Rev. bras.ter. cogn.* [online]. 2011, vol.7, n.1, p. 35-43. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbtc/v7n1/v7n1a07.pdf>>. Acesso em: 05 de out. 2015.
- BEASLEY-MURRAY, Paul. Os bebês devem ser batizados. In: KEELEY, Robin (org). *Fundamentos da teologia cristã*. São Paulo: Vida, 2000, p. 236-237.
- BERGER, Peter Ludwig. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1985. (Coleção sociologia e religião; 2)
- BÍBLIA SAGRADA. Tradução de João Ferreira de Almeida. Rev. At. 2ª. ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.
- BRETAS, José Roberto da Silva; OLIVEIRA, José Rodrigo de; YAMAGUTI, Reflexões de estudantes de enfermagem sobre morte e o morrer. *Rev. esc. enferm. USP* [online]. 2006, vol.40, n.4, p.477-483. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0080-62342006000400005>>. Acesso em: 13 de jul. 2016.
- BITUN, Ricardo. Formação teológico-pastoral na tradição das Assembleias de Deus. *Revista Caminhando*, v. 14, n. 2, p. 55-65, jul./dez. 2009.
- BIZELLI, Edimilson Antônio. Considerações sobre as *Formas elementares da vida religiosa*, de Émile Durkheim: contribuições e polêmicas. *Revista Nures*, n.4, p. 1-10, 2006, São Paulo. Disponível em: <[http://www.pucsp.br/nures/revista4/nures4\\_edimilson.pdf](http://www.pucsp.br/nures/revista4/nures4_edimilson.pdf)>. Acesso em: 30 de set. 2015.
- BRASIL. *Estatuto do idoso: lei federal nº 10.741, de 01 de outubro de 2003*. Brasília, DF: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2004. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/l10.741.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.741.htm)>. Acesso em: 10 de jul. 2013.

CAREY, George. Descobrimos a fé. In: KEELEY, Robin (org). *Fundamentos da teologia cristã*. São Paulo: Vida, 2000, p. 226-238.

CHIAVENNATO, Júlio José. *A morte: uma abordagem sociocultural*. São Paulo: Moderna.1998. (Coleção Polêmica).

CIPRIANI, Roberto. *Manual de sociologia da religião*. São Paulo: Paulus, 2007.

DAVIM, Rejane Marie Barbosa et.al. Estudo com idosos de instituições asilares no município de Natal/RN: características socioeconômicas e de saúde. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*, 2004, vol.12, n.3, p. 518-524.

DIANTE DO TRONO. *Esperança*. Belo Horizonte: Diante do Trono, 2004. 1CD.

DOLGHIE Jacqueline Ziroldo. Um estudo sobre a formação da hinódia protestante brasileira. *Âncora - Revista Digital de Estudos em Religião*, v1, mai. 2006. p. 83-106. São Paulo. Disponível em: <[http://www.revistaancora.com.br/revista\\_1/02.pdf](http://www.revistaancora.com.br/revista_1/02.pdf)>. Acesso em: 4 de mai. 2015.

DURKHEIM, Emílie. Religião e conhecimento. In: RODRIGUES, José Albertino (org.); FERNANDES, Florestan (coord.). *Sociologia*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1990, p. 147-203.

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática, 2000. (Série Princípios).

GIACOIA JÚNIOR, O. A visão da morte ao longo do tempo. *Medicina*, Ribeirão Preto, 2005; v 38, n 1, p. 13-19. Disponível em:<[http://revista.fmrp.usp.br/2005/vol38n1/1\\_a\\_visao\\_morte\\_longo\\_tempo.pdf](http://revista.fmrp.usp.br/2005/vol38n1/1_a_visao_morte_longo_tempo.pdf)>. Acesso em: 07 de out. 2013.

GRELOT, Pierre. Morte. In: LEON-DUFOUR, Xavier. *Vocabulário de teologia*. Tradução de Simão Voigt. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1977, p. 616-625.

GUERRIEIRO, Silas. A atualidade da teoria da religião de Durkheim e sua aplicabilidade no estudo das novas espiritualidades. *Estudos de Religião*, v. 26, n. 42 Edição Especial, p. 11-26, 2012.

IGREJA PRESBITERIANA INDEPENDENTE DO BRASIL. *Cantai todos os povos*. 2 ed. rev. São Paulo: Pendão Real, 2006.

\_\_\_\_\_. *Manual de culto*. 2 ed. rev. São Paulo: Pendão Real, 2011.

\_\_\_\_\_. *Ordenações litúrgicas da IPI do Brasil*. São Paulo, 2008. Disponível em:<<http://ipib.org/index.php/downloads/category/17-ordenacoes>>. Acesso em: 15 de mar. 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. *Censo 2010: número de católicos cai e aumenta o de evangélicos, espíritas e sem religião*. IBGE, 2012. Disponível em: <<http://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?view=noticia&id=1&idnoticia=2170&t=censo-2010-numero-catolicos-cai-aumenta-evangelicos-espíritas-sem-religiao>>. Acesso em: 10 de out. 2013.

KÜBLER-ROSS, Elizabeth. *Sobre a morte e o morrer: o que doentes terminais tem a ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos próprios parentes*. 9. Ed. Martins Fontes, São Paulo, 1998.

\_\_\_\_\_. *A Roda da Vida: Memórias do Viver e do Morrer*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 1998. Disponível em: <<http://www.projectoluz.com/PublicDocs/ARodadaVida-ElisabethKubler-Ross.pdf>>. Acesso em: 25 de ago. 2015.

MAGALHÃES FILHO, José Rômulo de; MAGALHÃES, Jailza Silva Santos. O canto da esperança: uma análise da hinologia nos cultos fúnebres. In: ECCO, Clóvis et. al. (orgs). *Transformação social, economia e literatura sagrada*. São Leopoldo: Oikos; Goiânia: Editora da PUC Goiás, 2012, p. 139-144.

\_\_\_\_\_; LINS JÚNIOR Daniel da Fonseca; SANTOS, Nenrod Douglas de Oliveira. *Metodologia da pesquisa sem estresse: da ideia ao trabalho final*. Salvador: Práxis Consultoria, 2015

\_\_\_\_\_. *A construção de um estilo de vida: família e relações de gênero na participação do projeto ético-político renovado*. 2014. 186 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2014. Disponível em: <[http://repositorio.ufrn.br:8080/jspui/bitstream/123456789/13844/1/JoseRMF\\_TESE.pdf](http://repositorio.ufrn.br:8080/jspui/bitstream/123456789/13844/1/JoseRMF_TESE.pdf)>. Acesso em: 11 de jul. 2016.

MARIANO, Ricardo. Mudanças no campo religioso brasileiro no censo 2010. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 14, n. 24, p. 119-137, jul./dez. 2013, p. 119-137. Disponível em: <<http://sociologia.fflch.usp.br/sites/sociologia.fflch.usp.br/files/Campo%20religioso%20no%20Censo%202010.pdf>>. Acesso em: 10 de set. 2015.

\_\_\_\_\_. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. *Estud. av.* 2004, vol.18, n.52, p. 121-138. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v18n52/a10v1852.pdf>>. Acesso em: 20 de set. 2015.

MARQUES, Fernanda Flório Padilha. *A construção da finitude na transição do século XX para o século XXI: contributo para o estudo do caso português*. 2010. 141 f. Dissertação (Mestrado em História das Ideologias e das Utopias Contemporâneas) - Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras, Coimbra, 2010.

MARQUES, Patrícia Regina Moreira. *Pedagogia da morte: a importância da educação sobre o luto nas escolas*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

MANUAL DO MINISTRO. São Paulo: Editora Vida, 2001.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas. *Revista USP*, São Paulo, n.67, p. 48-67, setembro/novembro 2005. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/viewFile/13455/15273>>. Acesso em 20 de set. 2015.

\_\_\_\_\_. *Celeste povir*. São Paulo: Pendão Real, 1995.



MENESES, Jonatas. *Pentecostalismos e os rituais de cura divina*. Aracaju: Editora UFS, 2008.

MUSSE, Neif Sathler; *Casco vazio de ser humano: crônicas sobre a morte*. Juiz de Fora: Edição do autor, 2015.

NELIS, J. Morte (I). In: BORN, A. Vanden. *Dicionário enciclopédico bíblico*. Tradução de Frederico Stein. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1977, p. 1013-1016

NUNES, Mara José Rosado. A sociologia da Religião. In: USARSKI, Frank (org.). *O espectro disciplinar da ciência da religião*. São Paulo: Paulinas, 2012, p. 97-119.

PEIXOTO, Esdras Gusmão de Holanda. Pentecostalismo e imaginário: rupturas e continuidades na hinologia pentecostal na passagem da modernidade para a pós-modernidade, 2008. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) Universidade Católica de Pernambuco, 2008. Disponível em: <[http://www.unicap.br/tede//tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=388](http://www.unicap.br/tede//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=388)>. Acesso em: 04 de mai. 2015.

SALVIANO, Jarlee. A metafísica da morte de Schopenhauer. *Ethic@*, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 187– 197, julho de 2012.

SCHMIDT, Brttina E. A antropologia da religião. In: USARSKI, Frank (Org.). *O espectro disciplinar da ciência da religião*. São Paulo: Paulinas, 2007. (Coleção repensando a religião).

SCHIMITT, E. Morte. In: BAUER, Johannes B. (org.). *Dicionário de teologia bíblica*. Tradução de Helmuth Alfredo Simon. 4. ed. São Paulo: Loyola, 1988, p. 729-733. v. 2

SOUTO, Enedina Maria Soares; MAGALHAES FILHO, José Rômulo. Descanso eterno, dai-nos Senhor: ritos de morte e discursos entre cristãos católicos romanos e protestantes. In: MOREIRA, Alberto da Silva; LEMOS, Carolina Teles; PASSOS, Paulo Rogério R. (Orgs.). *Religião, espetáculo e intimidade: múltiplos olhares*. Goiânia: Editora da PUC Goiás, 2014.

SOUZA, Christiane Pereira de. A morte interdita: o discurso da morte na História e no documentário. *Doc On-line*, n.07, Dezembro 2009, p. 17-28. Disponível em: <[http://www.doc.ubi.pt/07/dossier\\_christiane\\_souza.pdf](http://www.doc.ubi.pt/07/dossier_christiane_souza.pdf)> Acesso em: 15 de out de 2013.

TAVERNA, Gelson; SOUZA, Waldir. O luto e suas realidades humanas diante da perda e do sofrimento. *Caderno teológico da PUCPR*, CURITIBA, v.2, n.1, p. 38 - 55, 2014, p. 42

THISELTON, Anthony. Destino. In: KEELEY, Robin (org). *Fundamentos da teologia cristã*. São Paulo: Vida, 2000. p. 281- 288.

USARSKI, Frank. *Constituintes da Ciência da Religião: cinco ensaios e prol de uma disciplina autônoma*. São Paulo: Paulinas, 2006. (Coleção Repensando a Religião).

VILAR, M. *Luto e Morte: uma pequena revisão bibliográfica*. João Pessoa, 2000. Disponível em: < <http://www.cchla.ufpb.br/caos/numero1/01vilar.pdf>>. Acesso em: 03 abr. 2015. [s/p].

WEISS, Raquel. Durkheim e as formas elementares da vida religiosa. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 13, n. 22 p. 95-119, jul./dez. 2012. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/debatesdoner/article/download/36520/23591>>. Acesso em: 20 de dez. 2015.

WILLAIME, Jean-Paul. *Sociologia das religiões*. São Paulo: Editora Unesp, 2012

ZABATIERO, Júlio. Um movimento teológico e sua contribuição para a transformação social. A Fraternidade Teológica Latino-Americana - Brasil. In: SOCIEDADE DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO – SOTER (Org.). *Religião e transformação social no Brasil hoje*. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 133-158.



## APENDICE A – Transcrição das Entrevistas

### Entrevista 1 – Mulher, 83 anos

Pergunta: O que a igreja da Sra. Fala sobre a morte lhe traz paz tranquilidade?

Resposta: Acho que sim, porque a gente se for pensar muito na morte, não sei o que pode acontecer, mas, se a gente não pode ficar aqui com vida né, tem que partir; então a morte é um descanso para quem morre.

Pergunta: Isto é pregado na igreja? E traz paz?

Resposta: Fala sim, traz paz porque a gente tem que ir mesmo, e sente paz, porque com o ensino da Palavra de Deus, a gente sabe que não pode viver aqui toda a Vida, têm que partir daqui, e ai traz paz no coração da gente.

Pergunta: O que é a morte?

Resposta: Não, não sei dizer não.

Pergunta: Pensar sobre a morte assusta? Tem medo de morrer?

Resposta: Não, tenho medo não, quando era moderna tinha medo, mas, agora não tenho mais medo não.

Pergunta: Se a Sra. pudesse escolher entre o Paraíso Celestial, mansão de ouro como fala a Bíblia, ou estar aqui com seus filhos e netos, o que escolheria?

Resposta: Mas, se a gente não pode ficar aqui com vida e sem envelhecer, tem que partir, então a morte é um descanso [pausa] escolheria ficar aqui com os meus com vida e se não ficasse velha, mas na glória celestial a gente tem esperança em Deus de ter uma vida melhor, com Deus.

Pergunta: Essa escolha que a Sra. faz em ficar aqui se pudesse, a deixa preocupada de alguma forma?

Resposta: Não, não me preocupo com isso não. Espero em Deus o que ele quiser resolver da minha vida, mas estou certa que vou para a Glória quando eu morrer.

### Entrevista 2 – Homem 64 anos

Pergunta: O que a sua igreja fala sobre a morte lhe traz algum conforto?

Resposta: Eu vou ser sincero, a igreja não explica tão bem sobre a morte, fala sim em pregações, eu sei que após na morte, tem a vida eterna, isso tenho certeza,

eu aprendi desde pequeno na igreja, tenho a vida eterna, a segurança, essa lei é certa; que traz o conforto e se a gente sabe para onde vai, pronto, eu tenho segurança para onde é que vou; se a pessoa não tem certeza fica maluco, mas eu tenho certeza, ai eu digo como Paulo “o morrer e o viver é lucro”: risos...

Pergunta: O que é a morte para você?

Resposta: A morte é a separação de Espírito, o Espírito volta para Deus e o corpo para a terra, para o pó e o resto da vida.

Pergunta: Pensar sobre a morte assusta? Tem medo de morrer?

Resposta: Não. Não tenho medo de morrer; sinceramente não tenho medo de morrer eu não. Não tenho medo porque eu sou o bonzão não, é porque eu tenho Jesus Cristo, essa é a esperança que eu vou vê-lo na Glória, outra coisa não dá esperança não, só a certeza [pausa] de ver lá no céu os queridos, lá no céu; não esse medo de ameaçar a não dormir porque vou morrer, chorar não; é só ocorrer naturalmente fisicamente, essa, essa, nunca morri! Não sei o que é morrer, não sei como é, então tem aquela coisa, mais pavor! Não tenho pavor, se não, não adiante você crer se tem pavor é não adianta você crer, não tem, ficar pensando se vai ser ruim ai não sabe, a gente vai aguardar o que Jesus quiser.

Pergunta: Se o Sr. Pudesse escolher o entre o paraíso celestial, a Gloria e está aqui com seus parentes seus, irmãos, então que escolheria? Ficar aqui ou ir para a Gloria?

Resposta: Claro que o Paraíso e Eterno, vou ter vida em abundância, claro que é melhor lá, e a bíblia diz. Claro, claro

Pergunta: E essa escolha traz algum tipo de preocupação ou angustia?

Resposta: Não, não, porque eu tenho a certeza que que a palavra Deus diz que nós vamos poder voltar, não vai ter que ir? Eu “tô” sendo claro porque eu tenho certeza da salvação, Jesus Cristo diz que nós vamos encontrar lá na Gloria então eu vou ficar com angustia? Eu não...eu “tô” falando sério o que entendo.

### **Entrevistada 3 – Mulher, 70 anos**

Pergunta: O que a sua igreja fala sobre a morte lhe traz algum conforto?

Resposta: Sim, traz esperança

Pergunta: O que é a morte para você?

Resposta: Uma passagem de uma vida para outra.

Pergunta: Pensar sobre morte lhe assusta?

Resposta: Não

Pergunta: Se a Sra. Pudesse escolher entre o paraíso celestial ou estar com seus filhos parentes pessoas de um modo geral a Sra. Escolheria o que?

Resposta: O paraíso é claro! O paraíso é o melhor.

Pergunta: Essa escolha traz algum tipo de angustia?

Resposta: Não.

Pergunta: Tem alguma preocupação em deixar seus parentes, filhos, marido?

Resposta: Não porque todos vão partir

Pergunta: E isto é o que a igreja prega?

Resposta: É, é o que acredito.

**Entrevista 4 – Mulher, 60 anos** – Entrevista aberta feita sem gravação, com anotações.

**Entrevista 5 – Mulher, 70 anos**

Pergunta: O que a igreja da Sra. Fala sobre a morte lhe traz algum conforto?

Resposta: Mas como eu creio em meu Deus que quando eu sair daqui vou viver eternamente. Eu na minha fé eu tenho certeza, nascida e criada no evangelho, nunca soube nada de participar das coisas mundana, então com essa certeza que tenho e esse aprendizado das coisas da Bíblia, eu tenho na minha mente que eu saindo daqui desse mundo eu vou viver na Glória com o meu Deus.

Pergunta: O que é a morte para a Sra.?

Resposta: A morte é uma separação, da terra para outro lugar.

Pergunta: Pensar sobre a morte assusta? Tem medo de morrer?

Resposta: Não de maneira nenhuma, porque eu sei que é o caminho de nós todos, que um dia cada qual faz, cada qual tem seu dia ir. Pois essa esperança eu adquiri quando aceitei o Evangelho. Só quero a cada dia está preparada para quando for encontrar com o meu Deus.

Pergunta: Se a Sra. Pudesse escolher entre o Paraíso Celestial ou estar aqui com seus parentes, filhos, netos, marido, o que escolheria o que?

Resposta: Escolheria ir para a Glória

Pergunta: Essa escolha de ir para a Glória lhe dá alguma angustia ou preocupação?

Resposta: De ir para a Glória? Não, alegria.

## Entrevista 6 – Mulher, 75 anos

Pergunta: O que a Sra. pensa sobre a morte te assusta?

Resposta: Não, a morte me dá tristeza.

Pergunta: Por que? A Sra. tem medo de morrer?

Resposta: Não, porque eu me lembro de mãe bacana, meu pai, Astrogildo (todos já morreram).

Pergunta: O que é a morte para a Senhora?

Resposta: Para mim, é uma hora de muita tristeza (risos).

Pergunta: O que a igreja da Sra. fala sobre a morte lhe traz algum conforto?

Resposta: A igreja fala pela morte para a gente ter aquela certeza da salvação.

Pergunta: Isso lhe traz algum conforto, alguma paz?

Resposta: Traz muita tristeza quando eu me lembro assim.

Pergunta: Mesmo a Sra. sabendo que quando morrer vai para a glória celestial?

Resposta: Há eu tenho essa certeza, quando Astro estava doente, eu não queria que ele morresse, eu pedia Senhor Deus, se vai tirar Astrogildo me “tire”, eu não quero ver Astro morrer, eu não queria ver ele morrer não.

Pergunta: Eu canto muito a Deus os hinos. Tem um hino que Jadson [filho] disse que quando eu morrer vai cantar “nós iremos com cristo Jesus morar no lar de vida eterna”.

Pergunta: Então se pudesse escolher entre o Paraíso Celestial, como fala a Bíblia nas ruas de ouro e cristal, ou estar aqui com seus filhos e netos, o que escolheria? Ir para a Glória ou ficar aqui?

Resposta: Ficar com meus filhos.

Pergunta: E essa decisão que a Sra. pensa traz algum tipo de angustia incerteza?

Resposta: É eu fico pensando. Não, eu não quero ver nenhum filho morrer, não quero ver nenhum, eu sou muito feliz sou louca pelos filhos. Sofri muito quando Astro morreu. Até hoje sofro com a morte de Astrogildo. A música me consola [cantarola um hino]: “Com Jesus cantaremos glória, glória, ... sermos coroado...”



**Entrevista 7 – Homem, 89 anos.**

Pergunta: O que a sua igreja fala sobre a morte lhe traz algum conforto?

Resposta: traz sim.

Pergunta: O que é a morte para o Sr.?

Resposta: A morte é apenas uma transferência de uma vida para outra, de uma vida passageira para uma eterna. A morte, segundo a Bíblia, é a passagem dessa vida para outra vida melhor, a eternidade.

Pergunta: Pensar sobre a morte lhe assusta?

Resposta: Não.

Pergunta: Se o Sr. Pudesse escolher entre o Paraíso Celestial ou estar aqui com os seus parentes, filhos, netos que escolheria? E por quê?

Resposta: Paraíso celestial, porque lá é para sempre e tudo etc.

Pergunta: Essa escolha traz algum tipo de angústia?

Resposta: Não.

Pergunta: Tem preocupação em deixar seus parentes mulher e filhos aqui?

Resposta: Não. Houve uma época que a morte me trazia preocupação, deixar a mulher responsável pelos filhos, mas hoje, os filhos todos são responsáveis por si próprio, então não tenho nenhuma preocupação, a mulher fica com os filhos. Nenhuma preocupação.

**Entrevista 8 – Mulher, 88 anos.**

Pergunta: O que sua Igreja fala sobre a morte lhe traz algum conforto?

Resposta: traz a volta de Cristo.

Pergunta: O que é a morte para a Sra.?

Resposta: Para mim a morte agora na idade que estou é uma felicidade, porque sou Cristã. Né?

Pergunta: Pensar sobre morte assusta a Sra.?

Resposta: Não de maneira nenhuma, me alegra muito mesmo, porque eu vou subir, né? Antes não tinha esse conhecimento, mas hoje conheci o Senhor Jesus (inaudível). Conheci mesmo o caminho e agora não tenho medo da morte e peço a Deus muito que continue dando essa felicidade, continue dando essa alegria a minha vida que tenho aqui.

Pergunta: Se a Sra. Pudesse escolher entre o Paraíso Celestial ou estar aqui com seus parentes, o que escolheria?

Resposta: Eu queria ficar na Glória.

Pergunta: Essa escolha de ir para a Glória lhe dá alguma angústia ou preocupação?

Resposta: Não, não tenho mais preocupação, já está tudo no caminho

**Entrevista 9 – Homem, 65 anos.** Entrevista semiestruturada, a gravação quando transferida para outro dispositivo, corrompeu-se. Não foi possível a transcrição.

**Entrevista 10 – Mulher, 64 anos.** Entrevista semiestruturada, a gravação quando transferida para outro dispositivo, corrompeu-se. Não foi possível a transcrição.

**Entrevista 11 – Homem, 62 anos.** Entrevista semiestruturada, a gravação quando transferida para outro dispositivo, corrompeu-se. Não foi possível a transcrição.

**Entrevista 12 – Mulher, 65 anos.** Entrevista aberta, a gravação quando transferida para outro dispositivo, corrompeu-se. Não foi possível a transcrição.

**Entrevista 13 – Mulher, 63 anos.** Entrevista aberta, a gravação quando transferida para outro dispositivo, corrompeu-se. Não foi possível a transcrição.

**Entrevista 14 – Homem, 67 anos.** Entrevista aberta feita sem gravação, com anotações.